



RECUPERAÇÃO

1-SEGUINDO DE LONGE

2-QUE INICIE A CELEBRAÇÃO

3-APEGUE-SE A JESUS

4-SOZINHO EM SUA PRESENÇA

5-A LUTA PELA MENTE

6-VOCÊ FICARÁ AO LADO DELE

7-CUMPRIMENTO DO SONHO

8-CONSTRUTOR DA ESPERANÇA

1

Data: Sábado

Tema: Recuperação

Ênfase: Os Jovens e a Fé

Tópico: Seguindo de longe

TOPO

Texto: Lucas 22:31-34

Os irmãos Duron e Janet, na faixa dos 30 aos, nasceram na igreja e foram batizados na infância. Seus pais eram membros consagrados da igreja e verdadeiros defensores da fé. Enquanto crescia, Duron demonstrou grande amor pela igreja e estava ativamente envolvido nela. Na adolescência, desenvolveu paixão pelos computadores e pelos equipamentos eletrônicos. Ao se tornar jovem adulto, ele era um gênio, criando aplicativos para os meios sociais, e era conhecido por suas inovações e criatividade. Ao ampliar seu interesse e êxitos na área da computação e dos equipamentos eletrônicos, sua frequência à igreja se tornou cada vez mais esporádica e sua participação ativa se tornou praticamente nula. A morte acidental e súbita de sua mãe debilitou ainda mais a sua fé e aumentou suas dúvidas a respeito de Deus. Finalmente, ele questionou a necessidade e a importância da igreja. Porém, pensou que se, por acaso,

houvesse alguma revelação futura, seguiria frequentando a igreja.

Por outro lado, Janet gostava de estar na companhia das pessoas. Estava sempre no meio da multidão dirigindo as atividades da igreja, sendo sempre jovial e serviçal, especialmente com os idosos, e era muito popular entre os membros. Diferentemente de seu irmão, a princípio, a morte da mãe não pareceu lançar uma sombra sobre ela. Porém, com o transcorrer do tempo, sua atitude para com a igreja foi esfriando cada vez mais, e ela passou a se envolver menos e a ficar mais com os amigos que não pertenciam à igreja e até mesmo começou a participar de atividades não cristãs. Ao responder às perguntas dos membros da igreja sobre seu aparente distanciamento da fé, ela sempre respondia: “Ainda sou cristã, não se preocupem”. Ela se tornou passivamente desconectada, enquanto seu irmão estava ativamente desconectado.

Turbulência prognosticada

Assim como Janet, Pedro estava sempre entre a multidão, sempre na frente dirigindo, ajudando e servindo, comprometendo-se e caminhando sobre as águas com Jesus, e exuberante e emocionado por dar a conhecer a sua fé. Em uma daquelas entrevistas especiais que Jesus teve com Seus discípulos, Pedro se apressou a exclamar: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mateus 16:16). Em Lucas 22:31-34, podemos ler o diálogo entre Jesus e Pedro. “Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como trigo! Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; tu, pois, quando te converteres, fortalece os teus irmãos. Ele, porém, respondeu: Senhor, estou pronto a ir contigo, tanto para a prisão

como para a morte. Mas Jesus lhe disse: Afirmando-te, Pedro, que, hoje, três vezes negarás que me conheces, antes que o galo cante.”

Jesus viu além da emoção e do imediatismo do momento. Pôde ver o futuro com suas tentações, desafios, dificuldades e atrações que apelariam aos discípulos e exerceriam influência em sua lealdade. Essa realidade levou Jesus a entabular um diálogo com eles e a falar-lhes de que breve O negariam e da forma como seriam impactados os que estavam mais perto dEle. Viu que O negariam e que Lhe dariam as costas. O expressivo Pedro exclamou veemente e apaixonadamente: “Senhor, estou pronto a ir contigo, tanto para a prisão como para a morte” (Lucas 22:33, 34; Mateus 26:31-33). Em resposta ao estalido emocional de Pedro, Jesus lhe disse que antes que o galo cantasse três vezes ele O negaria. Pedro estava certo de que nada, nem mesmo a ameaça de morte, poderia abalar sua fé e compromisso para com Cristo. Porém, Jesus insistiu e reforçou Sua mensagem. Da experiência de Pedro, podemos aprender que as realidades da vida são suficientemente poderosas para abalar nossa fé em Deus, para provocar desânimo e para nos levar a sermos indiferentes e desconectados espiritualmente.

O Peneiramento

“Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como trigo!” (versículo 31), foi a predição de Jesus a respeito de Pedro. Ele empregou uma imagem metafórica para ilustrar como Satanás desejava abalar a fé dos discípulos. Jesus

usou o nome pré-cristão de Pedro, em vez de “Pedro”, nome que recebeu como discípulo. Provavelmente, isso foi proposital, visto que Jesus sabia que em pouco tempo Pedro voltaria a seu antigo estilo de vida e comportamento, antes de seguir a Cristo (6:13, 14). A interpretação desse verso pode ser encontrada na analogia de Jó 1-2, onde Satanás tem permissão para provar Jó. Satanás procurava cirandar ou sacudir os discípulos violentamente, da mesma forma como se peneira o trigo e deixa-se o mesmo cair. O uso da metáfora teve e tem o propósito de indicar a vinda de um tempo de prova da parte de Satanás, que perturba os discípulos e o povo de Deus a fim de que se tornem infiéis ao Senhor. Todo jovem deve estar ciente disso e certificar-se de estar coberto pela oração de Jesus.

Satanás, o acusador, acusou os discípulos da mesma forma como faz conosco, assinalando nossos pecados e debilidades diante de Deus, como ocorreu com Jó (Jó 1:6-12). O peneiramento de Pedro foi um ataque contra ele de forma física e também espiritual a fim de levá-lo à apostasia e à perda de sua salvação. Essa é uma estratégia cósmica do diabo. Jesus, com o poder de Sua intercessão, está em pé, de um lado e intercedendo, enquanto o acusador está sacudindo. Muitos jovens, membros da igreja, estão sob o ataque de Satanás. Seus interesses espirituais e participação na igreja são debilitados, e a fé em Deus é trocada por um momento de prazer e muda por um tempo devido às demandas populares de um mundo secular e materialista. Ao olhar ao nosso redor, vemos muitos que foram sacudidos pelas hábeis manobras do diabo. Nós mesmos podemos ser sacudidos dessa forma. Nessas ocasiões e experiências, os jovens precisam passar mais tempo focando

sua atenção em Jesus, seu intercessor, para poderem desenvolver íntima relação com Ele. Seu poder é maior que o peneirador, e o poder de peneirar de Satanás é limitado e condenado ao fracasso.

O Cumprimento

“Então, prendendo-o, o levaram e o introduziram na casa do sumo sacerdote. Pedro seguia de longe. E, quando acenderam fogo no meio do pátio e juntos se assentaram, Pedro tomou lugar entre eles. Entrementes, uma criada, vendo-o assentado perto do fogo, fitando-o, disse: Este também estava com ele. Mas Pedro negava, dizendo: Mulher, não o conheço. Pouco depois, vendo-o outro, disse: Também tu és dos tais. Pedro, porém, protestava: Homem, não sou. E, tendo passado cerca de uma hora, outro afirmava, dizendo: Também este, verdadeiramente, estava com ele, porque também é galileu. Mas Pedro insistia: Homem, não compreendo o que dizes. E logo, estando ele ainda a falar, cantou o galo. Então, voltando-se o Senhor, fixou os olhos em Pedro, e Pedro se lembrou da palavra do Senhor, como lhe dissera: Hoje, três vezes me negarás, antes de cantar o galo. Então, Pedro, saindo dali, chorou amargamente” (Lucas 22:54-62).

Jesus disse a Pedro que ele seria o alvo do diabo. De igual forma, cada jovem, assim como cada criança e adulto na igreja são atualmente alvos do diabo. Ele utiliza os métodos mais chamativos para atrair a atenção e influencia os seguidores de Cristo para que percam o interesse pelas coisas espirituais (1 Pedro 5:8). Ele foi bem-sucedido em influenciar a Pedro. Aquele

Pedro vigoroso, defensivo e franco seguidor estava agora seguindo Jesus “de longe” (v. 54). Mas isso não foi tudo. Ele se desviou tanto de sua caminhada espiritual com Cristo, que até mesmo negou que O conhecia. Perdeu sua confiança própria, dormiu quando deveria estar orando (v. 45) e acabou assentado junto aos acusadores de Cristo (v. 55). Pensou que ao segui-Lo de longe muitos não o reconheceriam como seguidor de Jesus e assim poderia fugir das críticas e de uma eventual perseguição. Até mesmo adotou e manifestou a forma de agir da multidão secular para demonstrar que não era seguidor de Jesus. Pedro não entendeu a declaração de Jesus: “Porquanto, quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por minha causa achá-la-á” (Mateus 16:25).

Satanás estava tão empenhado em destruir a Jesus, que fazia de seu alvo todo aquele que cria em Jesus e O seguia. Quando a criada disse: “Este também estava com ele”, Pedro respondeu enfaticamente: “Mulher, não o conheço.” Jesus procura jovens que se identificam com Ele e que não O neguem, independentemente das consequências. Ele capacita esses jovens a permanecerem de Seu lado. Deseja que sejam seguidores leais, que sejam Sua voz, que testemunhem diante dos outros de Sua graça a fim de que também possam aceitá-Lo como seu Salvador. Que impacto Pedro poderia ter causado na multidão se tivesse ficado do lado de Cristo e respondido corajosamente: “Sim, eu sou Seu seguidor!” Porém, ele O negou. Você faz parte desse grupo de traidores? Ou você está entre o vasto grupo de jovens, no mundo todo, que ficam do lado dEle e dão a conhecer a Sua glória? Você se encontra entre os jovens da comunidade mundial que deixam o segundo plano, que deixam os edifícios e

as multidões seculares para se converter no *Sermão*, ao proclamar às comunidades, povos e cidades que Jesus Cristo é o Messias que voltará em breve para levar Seu povo ao glorioso lar?

A despeito de todas suas boas intenções, Pedro deu as costas em um momento crucial, quando seu testemunho era muito necessário. “Senhor, estou pronto a ir contigo, tanto para a prisão como para a morte” (Lucas 22:33, 34; Mateus 26:31-33) foi apenas uma explosão emocional. “[...] E logo, estando ele ainda a falar, cantou o galo. Então, voltando-se o Senhor, fixou os olhos em Pedro, e Pedro se lembrou da palavra do Senhor, como lhe dissera: Hoje, três vezes me negarás, antes de cantar o galo” (Lucas 22:60, 61). O canto do galo foi muito importante na vida de Pedro. Chamou-lhe a atenção para o olhar de Jesus, que nunca se afasta. Seus olhos estão sempre sobre Seus filhos, até mesmo sobre aqueles que não O podem ver por estarem muito distantes. Quando os olhos de Pedro e de Jesus se encontraram, Pedro não viu rancor, reprovação ou condenação. Antes, viu dor, misericórdia, amor, perdão, compaixão, aceitação e ternura. Então, ele se lembrou das palavras: “Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; tu, pois, quando te converteres, fortalece os teus irmãos”. Ellen G. White diz: “Ele tinha negado seu Senhor, mesmo com maldição e juramento; mas aquele olhar de Jesus como que dissolveu o coração de Pedro, e o salvou. Ele chorou amargamente, arrependeu-se de seu grande pecado e converteu-se; e, então, ficou preparado para fortalecer seus irmãos” (*Primeiros Escritos*, p. 169, 170).

Por que as pessoas O seguem à distância?

Obviamente, a distância de Pedro era tanto física como espiritual. Tinha a ver com a preservação pessoal, com a debilidade e o temor, embora sentisse o desejo inato de estar com Jesus, como muitos de nós hoje. Para Pedro, era como viver em dois mundos ao mesmo tempo. Quantas vezes tentamos fazer isso, mas não funciona! Jesus deseja que vivamos no mundo espiritual com Ele e que nos identifiquemos com Ele o tempo todo em nossa jornada pelo mundo secular. Deseja que estejamos dispostos a sofrer por Ele e Ele proverá motivos de regozijo. Na carne, a fé de Pedro era frágil. Era uma debilidade que procedia de sua fragilidade humana. Porém, ele queria uma relação pessoal com Cristo. Desejava também, literalmente, ser testemunha pessoal do tratamento que dariam a Jesus e ver como o Salvador reagiria. Depois da Última Ceia, quando Jesus levou os discípulos ao Getsêmani, antes de ser preso, pediu-lhes que permanecessem despertos e que orassem enquanto Ele Se distanciava para orar sozinho. Ao voltar, encontrou-os dormindo. Então suplicou a Pedro que permanecesse desperto e orasse, porque embora se sentisse capaz e forte, sua carne era fraca. Apesar do conselho de Jesus, Pedro voltou a dormir. Quando a turba veio para prender Jesus, já era tarde demais para orar pedindo forças para suportar a prova. Ao chorar por sua negação, talvez tenha reconhecido seu fracasso em orar, visto que era o meio pelo qual poderia ter fortalecido sua fraqueza. Por fim, Pedro aprendeu a lição ensinada por Jesus sobre vigiar, visto que ele nos exorta em 1 Pedro 5:8: “Sede sóbrios e vigilantes. O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar”. Ele foi “devorado” em parte

devido à sua debilidade, porque quando deveria estar orando, ele estava dormindo e menosprezando sua própria debilidade.

De certa forma, Pedro deve receber algum crédito, porque enquanto os demais discípulos fugiram (Marcos 14:50), ele permaneceu e tentou seguir Jesus à distância (Marcos 15:54) depois de Sua prisão. Ele temia as consequências de se identificar abertamente com Jesus. Foi presa do medo. Do pátio, pôde ver quando Jesus foi falsamente acusado, golpeado e insultado. Estava preocupado com a sorte de Jesus, mas temia pela própria vida. Sabia que Jesus era odiado por Seus difamadores e não estava preparado para enfrentar o ridículo e a perseguição que Jesus estava sofrendo. A advertência feita por Jesus aos discípulos quando estava com eles se aplica também a nós. “Então, sereis atribulados, e vos matarão. Sereis odiados de todas as nações, por causa do meu nome.” (Mateus 24:9) Ao Pedro observar a prova pela qual Jesus passava, rapidamente compreendeu que estava muito longe de ser valente e arrojado como cria que fosse. O medo o levou a negar seu Salvador.

Quando consideramos os jovens que vivem no século 21, a pergunta é: “Por que tantos seguem à distância”? As respostas são diversas. Acredita-se que alguns membros da igreja são intolerantes com a curiosidade; não sentem o toque amoroso de muitos membros da igreja; há muitas restrições por parte da igreja quanto ao que devem ou não fazer. Embora todas essas desculpas tenham algum crédito, a preservação pessoal, a debilidade humana e o medo são o fundamento de sua forma de agir. A oração ainda é o caminho a seguir para ajudar a vencer esses problemas humanos.

Jesus sabia como Pedro reagiria diante da situação real. Ele não acusou os que viriam a ser Seus acusadores nem os que seriam os caluniadores de Pedro. Ele não justificou a reação de Pedro nem o condenou. Antes, estendeu-lhe Seus braços abertos. Ele o afirmou e o acolheu. Essa afirmação e aceitação se estendem hoje a cada jovem, criança e adulto. Independentemente de qual seja a realidade de nossa situação, estas palavras devem ser música aos nossos ouvidos. “Eu orei por você.”

Eu orei por você

A certeza que Jesus deu a Pedro foi: “Eu orei por você”. Na oração feita por Jesus, em João 17:9, Ele diz ao Pai: “É por eles que eu rogo; não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus”. No verso 15, Ele diz especificamente: “Não peço que os tires do mundo, e sim que os guardes do mal”. Quando Ele disse a Pedro: “Eu orei por você”, isso se deve ao fato de que faz parte de Sua natureza nos apresentar em oração diante do Pai. Jesus é o Advogado dos cristãos. É nosso grande Defensor. Atualmente, Ele cumpre um papel de intercessão por todos os Seus filhos (1 João 2:1). Talvez você tenha se afastado dEle e esteja se sentindo abatido e desanimado. Pedro também se sentia assim, mas Jesus foi seu Advogado e Defensor e é também o nosso. O apóstolo Paulo diz em Hebreus 7:25: “Por isso, também pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles”. E, em 1 Timóteo 2:5, diz: “Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem”.

A oração veio antes do peneiramento e, até mesmo durante o mesmo, a oração permaneceu firme. Isso significou uma grande

segurança para Pedro e o é para todo jovem atualmente: O Senhor mesmo orou em seu favor. Jesus é nosso Advogado e grande Sumo Sacerdote. Ele nos assegura que já orou por nós. Antes que enfrentássemos qualquer tentação, Ele já havia orado em nosso favor. Nessa oração já proferida, Ele fez provisão para todos os desafios futuros que encontraremos. As orações em favor de nossos pais, pastor, ancião da igreja, amigos e de outras pessoas, durante esta semana, assim como antes e depois desta semana, são muito importantes. Na verdade, Jesus nos anima a orarmos pelos outros. Esse é um dos motivos porque temos esses momentos especiais a cada ano para focar nossa atenção na oração. Para orar pelos outros! Porém, nada traz mais alegria e satisfação do que saber que o próprio Jesus orou por nós. Ainda que sejamos sacudidos pelo peneiramento de Satanás, sabemos que a oração de Jesus é poderosa para nos sustentar na turbulência. Se no processo perdermos a vida, esse não é o fim, porque Jesus, o grande Sumo Sacerdote, que orou por nós, nos salvará em Seu reino, se tão somente submetermos nossa vida a Ele e Lhe permitirmos alimentar a nossa fé.

O principal objetivo da Oração de Jesus é que a nossa fé não falte. Charles Spurgeon disse: “A fé é o porta-bandeira em cada conflito espiritual. E se o porta-bandeira cai, então é um dia ruim – portanto, nosso Senhor ora para que o porta-bandeira nunca falhe em sustentar a bandeira no meio do combate”. Se a nossa fé no Senhor falha, então perdemos o valor, a paciência, o amor, gozo, etc. Jesus disse: “Eu orei por você para que a sua fé não falte”. Isso também nos diz a respeito do que orar durante esta semana: orar pela fé! Não a fé emocional, mas a fé genuína.

Fé emocional

A fé emocional é uma explosão espontânea de confiança que não está firmada em uma base sólida. Os elementos externos e muita proteção da inexperiência e da segurança paterna alimentam essa fé. Em um dos acampamentos de sobrevivência dos Desbravadores, foi-lhes ensinado a nadar. Com a ajuda do treinador, eles se saíram bem e ansiosamente aguardaram poder exercitar suas habilidades sem a ajuda do instrutor. Um dos acampantes, que parecia não estar pronto para distanciar-se muito sozinho, estava demasiadamente confiante em suas habilidades e insistia em nadar sozinho. Chegou o momento e ele saiu fazendo, supostamente, o que lhe fora ensinado. Porém, nos primeiros dez minutos, ele perdeu o controle e afundou. Felizmente, ele estava à vista e ao alcance de nadadores experientes que o resgataram e o trouxeram à margem do rio. Foram necessários 45 minutos de reanimação cardiopulmonar para ressuscitá-lo. Em nossa caminhada com o Senhor, uma explosão emocional não será suficiente. Ellen G. White diz: “Um impulso, um exercício emocional, não significa fé ou santificação” (*Signs of the Times*, 24 de março de 1890). Ela também diz: “Todos devem buscar constantemente a verdadeira fé que opera, não por um elemento emocional terreno, mas pelo amor que purifica a alma. Esse amor limpa o templo da alma do orgulho e lança fora cada ídolo do trono do coração” (*Review and Herald*, 11 de março de 1902). A fé em Deus sem contínuo relacionamento pessoal com Ele é uma fé emocional que não poderá nem pode sustentar-se no tempo de tormentas, provas e turbulência.

Fé genuína

A fé genuína vem através da dependência de Deus. Não ocorre por si só. O ser humano não pode criá-la. Ela não é sujeita ao tempo, no sentido de que não é necessário andar com Jesus por determinados anos para obtê-la. Pedro e seus companheiros estiveram com Jesus por três anos; mesmo assim, Jesus disse a Pedro: “uma vez convertido...”. A fé genuína é um dom que devemos obter do Senhor. Oramos por ela e devemos ser pacientes para obtê-la. É um ingrediente importante que edifica uma sólida vida cristã e a encoraja. Pelo poder da fé genuína, os seguidores de Cristo sabem quando dizer não e quando dizer sim! Estar na presença de Jesus não converte uma pessoa, como ficou evidente na vida dos discípulos. Isso é possível pela verdadeira aceitação da morte e ressurreição de Jesus e pelo derramamento do Espírito Santo. É um presente que deve ser aceito. Efésios 2:8: “Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus”.

Jesus está disposto a dotar cada jovem, assim como cada criança e adulto, com essa verdadeira fé que lhes permitirá suportar as provas e provações e ser corajosos para se identificar com Ele como seu Salvador e Senhor. Nesta vida, perderemos entes queridos, seremos tentados por figuras de autoridade a fazer o mal, seremos destituídos daquilo que amamos e queremos muito; podemos ficar inertes, as atrações do mundo secular podem nos seduzir a fazer coisas profanas e incompatíveis com nossa jornada cristã, porém, a fé genuína em Cristo e a dependência do Espírito Santo nos darão o poder e a capacidade para defender nossas crenças, vencer as tentações

e ser vitoriosos. Como jovem vitorioso em Cristo, você tem a responsabilidade de fortalecer outros cuja fé é cambaleante.

Fortaleça os irmãos

Jesus disse a Pedro: “[...] quando te converteres, fortalece os teus irmãos”. Ao dizer: “quando te converteres”, Jesus está afirmando: “Quando você voltar ao estado em que se encontrava caminhando comigo, quando você voltar ao ponto em que era capaz de se identificar comigo, então você terá a responsabilidade de fortalecer seus irmãos”. Jesus desejava que Pedro desempenhasse um papel significativo no fortalecimento dessa equipe dispersa de discípulos, porque eles deveriam formar o núcleo para expandir a comissão evangélica.

Não vivemos isolados em uma ilha. Jesus foi enfático ao dar esta mensagem a Pedro: sua conversação deve afetar positivamente aqueles que estão ao seu redor. O cristão não é enviado a semear discórdia entre os irmãos (Provérbios 6:19). Não se trata de apenas pregar aos não convertidos e de realizar milagres. Fortalecemos e confirmamos os demais ao amá-los e alentá-los. Jesus reconheceu que Pedro daria sinais de fraqueza devido à sua humanidade. Porém, animou-o a não permitir que sua fraqueza o arrastasse a um fim devastador. Ele colocou e viu nele a capacidade de se converter em um valioso ativo para os outros. O perdão e a aceitação que Jesus lhe estendeu são nossos para que também os estendamos aos outros. Há um lugar para todos no reino de Deus. Hoje Ele chama as crianças, os jovens e os adultos e os que O têm seguido à distância a se aproximar. Aceite seu perdão, amor e graça, e seja um elemento catalisador ao oferecê-los aos outros.

Conclusão

Depois do cumprimento da profecia de Jesus e depois de se converter, Pedro chorou amargamente (Lucas 22:62). *O Senhor o perdoou e restaurou.* Pedro se tornou uma força poderosa contra os baluartes do diabo. Ele influenciou milhares para o reino de Deus ao pregar e viver o evangelho de Jesus e ao estender o convite a incontáveis pessoas para aceitar o Senhor crucificado e ressuscitado como seu Salvador. Você também pode influenciar outros para que se voltem para Ele hoje!

Apelo e Oração

Hino Final

Oração Final

2

Data: Domingo

Tema: Recuperação

Ênfase: O jovem e a tentação

Tópico: Que inicie a celebração

Texto: Lucas 15:1-7

TOPO

Há alguns meses, eu preguei sobre a intencionalidade da graça de Deus e o que ela faz para todos os seres humanos, e muitas pessoas aceitaram a Cristo. Depois do culto, minha esposa e eu ficamos à porta da igreja para cumprimentar as pessoas que deixavam o recinto. João, de vinte e quatro anos, foi um dos jovens que responderam ao apelo. Ele nos disse que estava cursando o segundo ano da universidade e que não frequentava a igreja havia muito anos, mas que recentemente sentia fortemente no coração a necessidade de voltar para Deus. Ele acordou naquela manhã e simplesmente sentiu que devia ir à igreja. Então, pegou três ônibus e passou diante de muitas igrejas, até chegar ao local onde sentiu que o Espírito do Senhor o conduzia. Disse que estava feliz por estar na igreja certa no momento certo. Ele estava transbordando de alegria ao saber que a graça o havia incluído no plano de Deus. Depois, nós o

apresentamos ao pastor e aos anciãos da igreja. Ele ficou para almoçar na igreja e passou ali o restante do dia. Participou do Estudo Bíblico, conduzido pelo pastor da igreja, e desfrutou do culto especial dos jovens. Um dos anciãos o levou para sua casa depois das reuniões.

Introdução

“Qual, dentre vós, é o homem que, possuindo cem ovelhas e perdendo uma delas, não deixa no deserto as noventa e nove e vai em busca da que se perdeu, até encontrá-la? Achando-a, põe-na sobre os ombros, cheio de júbilo. E, indo para casa, reúne os amigos e vizinhos, dizendo-lhes: Alegrai-vos comigo, porque já achei a minha ovelha perdida. Digo-vos que, assim, haverá maior júbilo no céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento” (Lucas 15:4-7). Essa parábola, contada por Jesus, é uma história imaginária que não menospreza as noventa e nove ovelhas que ficaram no pasto. Na verdade, as noventa e nove mais a que faltava compõem todo o rebanho e representam todos os membros da igreja. Jesus usou essa parábola porque nas terras altas de Pereia a criação de ovelhas era muito comum e muitos de seus ouvintes eram pastores, e assim podiam compreender muito bem a mensagem que lhes era transmitida. Embora a ênfase da parábola pareça estar na ovelha perdida, não devemos perder as mensagens inerentes sobre a) as noventa e nove ovelhas pastando; b) a ovelha perdida que se distancia do rebanho, c) o pastor e d) a celebração.

As noventa e nove ovelhas pastando

Escolhemos nos concentrar nas noventa e nove ovelhas pastando em vez de na ovelha perdida. Lucas 15:7: “Digo-vos que, assim, haverá maior júbilo no céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento”. Esse verso faz uma comparação entre as noventa e nove ovelhas pastando e a ovelha perdida longe do rebanho. Parecia que o pastor não se preocupava muito com as ovelhas que ficaram no campo e se coloca maior ênfase em encontrar a ovelha perdida e no regozijo ao recuperá-la. Se o uso dessa parábola, por parte de Jesus, teve o propósito de representar a igreja e, portanto, o reino de Deus, então as noventa e nove são importantes porque têm a função de fazer que o pastor seja importante. Elas são o seu rebanho, do qual ele cuida e se orgulha. Fazem com que o pastor se agrade delas. São seu tesouro. Deus também Se agrada dos membros da igreja que nela permanecem. Agrada-Se dos justos (Lucas 1:6) e dos que anelam ser justos. Ellen G. White diz: “O Filho de Deus Se rebaixou para levantar os caídos. Para isso, deixou Ele os mundos sem pecado, as noventa e nove que O amavam, e veio à Terra para ser ‘ferido pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniquidades’” (*Atos dos Apóstolos*, p. 264).

Esta parábola enfatiza mais o gozo do Senhor do que a atitude do pecador. Quando um jovem, uma jovem, ou qualquer outra pessoa permanece na fé e vive uma vida de arrependimento a cada dia, há alegria no céu. Quando todos os membros da igreja vivem de forma santificada, o gozo se multiplica no céu, a cada dia. Cada um é especial e importante para o Senhor. De igual forma, a mensagem de Jesus, transmitida pela teologia de Lucas, é a de que apenas os que se arreenderam serão salvos

e não os que parecem justos; o gozo no céu é produzido agora mesmo pelos arrependidos em vez de no juízo final. Deve-se notar que entre as noventa e nove que permanecem, há algumas que pensam que são justas e não sentem a necessidade de arrependimento. Têm a certeza e a confiança em si mesmas e creem que ao ver todas as faltas dos demais podem determinar quem está convertido, quem está simplesmente “brincando de” igreja, e como o Senhor já os vomitou de Sua boca.

Conta-se a história de um homem que desenvolveu certa afinidade com as ovelhas e desejou ser uma ovelha. Foi procurar o pastor e lhe disse que gostaria de se tornar ovelha e lhe perguntou que ações deveria realizar para alcançar essa metamorfose. O pastor aceitou o pedido, conforme o entendeu, e seguiu em frente, crendo que o homem estava presumindo seu amor pela mitologia. Contudo, por insistência dele, o pastor lhe disse que ele deveria ver-se como ovelha e assim o homem se vestiu com uma pele de ovelha e se colocou entre as ovelhas. Quando ele chegou, as ovelhas saíram correndo e então o homem, desgostoso, foi procurar o pastor. Então o pastor lhe disse que ele teria de caminhar como ovelha. O homem as observou, ensaiou sua forma de andar e caminhou entre elas. Novamente, as ovelhas correram. De novo ele procurou o pastor, que lhe disse que ele teria de falar como elas. Uma vez mais ele praticou, mas, ao se aproximar delas, elas saíram correndo. De volta ao pastor, este lhe disse que ele deveria comer como elas. Ele o fez, mas a reação das ovelhas não mudou quando ele se aproximou. Exausto e desiludido, voltou para falar com o pastor que, finalmente, lhe disse: Você se parece com uma ovelha, caminha como ovelha, come como

ovelha, mas você não é uma ovelha. É por isso que elas o rejeitam.

Entre as noventa e nove que são os membros da igreja, há aqueles que são como esse homem. Fazem tudo igual aos cristãos. Leem as Escrituras, oram, assistem aos cultos da igreja, podem até ocupar cargos de liderança na igreja e são vegetarianos. Alguns são guerreiros de oração. Eles podem apoiar financeiramente a igreja, devolvem o dízimo, dão ofertas e contribuem sempre para as várias iniciativas da igreja, e assim sentem que de nada necessitam. Porém, não são convertidos de coração. Não se entregaram totalmente a Jesus. Não passaram tempo a sós com Ele e estão mais preocupados com fama, popularidade, soberba e as coisas seculares. O fato de haveremos crescido na igreja e nunca a termos abandonado não significa que o Céu se regozije conosco. Nossa vida é um testemunho para a glória de Deus? Estamos compartilhando nossa fé de forma significativa? Somos verdadeiros? As pessoas podem confiar em nossas palavras? Nossas palavras e nossas ações combinam? O que acontece quando ninguém está nos vendo? Como nos comportamos então? Há algumas ovelhas doentes no redil entre as noventa e nove que necessitam da atenção do pastor. Ele está se aproximando, chamando-nos e atraindo-nos por meio do Espírito Santo e as ovelhas devem responder.

Há alguns que se consideram entre as noventa e nove que estão realmente cientes de que apenas sua presença física está lá, mas suas mentes e pensamentos estão longe do rebanho. Os outros devem fazer o que puderem para sustê-los, não para lançá-los fora. A experiência de conversão de cada um não é

igual nem ocorre ao mesmo tempo. Por isso, a experiência santificadora dos que estão na fé deve ser uma influência catalisadora em favor dos vasos mais frágeis. É por isso que Jesus disse: “Deixai-os crescer juntos até à colheita, e, no tempo da colheita, direi aos ceifeiros: ajuntai primeiro o joio, atai-o em feixes para ser queimado; mas o trigo, recolhei-o no meu celeiro” (Mateus 13:30). A diferença entre o trigo e os seres humanos é que o poder santificador do Espírito Santo é capaz de transformar os não conversos em poderosos discípulos. A comunidade cristã está repleta de histórias de jovens que eram superficiais e frívolos em sua caminhada espiritual, mas que são partidários da fé, porque se mantiveram na companhia das noventa e nove e foram inspirados, influenciados e motivados pelo Espírito Santo, pela graça de Cristo e pelo alento da comunidade espiritual. O Senhor está interessado também em ver arrependimento entre as noventa e nove, ao compartilhar a alegria do Senhor quando celebra a salvação dos pecadores.

Nesta parábola, Jesus também enfatiza que as noventa e nove pessoas justas, que observam todos os rituais, festivais e regras não produzem gozo no Céu. Porém, um pecador que confessa seus pecados e se arrepende provoca festa no Céu. Deus Se interessa pelo perdido que admite que está perdido e que, mediante a ajuda do Espírito Santo, volta para Ele. Ele quer nos ajudar a deixarmos para trás nossa vida pecaminosa e a segui-Lo. Os fariseus e os hipócritas nunca farão isso, porque não se dão conta de que estão perdidos. Sempre se consideram entre os salvos, ainda que nunca tenham se arrependido de seus pecados. Devemos nos arrepender de nossos pecados e ser salvos, não somente a ovelha que se afastou do rebanho. Jesus

deseja que o rebanho esteja todo completo, cem, não noventa e nove. E Ele não Se interessa apenas por uma. Não obstante, para poder ter as cem, Ele começa com uma!

A ovelha perdida que se afastou do rebanho

Ao contar essa parábola, Jesus não especificou se a ovelha perdida era fêmea ou macho. Antes, desejava enfatizar o interesse do pastor pelas ovelhas que se desviam, independentemente de seu gênero. Especificamente, ele enfatizou uma que desenvolveu interesse por outros pastos e que pouco a pouco ou talvez, repentinamente, deixou a companhia das noventa e nove. Bowe Robert Bergdahl é um soldado norte-americano que foi preso pela rede Haqqani, aliada do Talibã, no Afeganistão, desde junho de 2009, até sua libertação em 31 de maio de 2014. As circunstâncias sob as quais esse soldado desapareceu e como foi feito prisioneiro dos talibãs originaram um intenso escrutínio por parte dos meios de comunicação. Embora houvesse muitas teorias sobre seu desaparecimento, os fatos sugerem que ele foi capturado fora de sua base. Sob o controle do Talibã, sabia que era prisioneiro, conhecia as circunstâncias de sua captura, foi doutrinado, controlado e oprimido por seus captores e perdeu até mesmo a capacidade de falar com fluidez seu próprio idioma. Porém, os Estados Unidos estavam comprometidos a não deixar nenhum soldado para trás e seguiram com as buscas até negociar uma troca para devolvê-lo às suas fileiras. Essa é uma boa ilustração do que acontece com muitos jovens da igreja. Embora Deus não tenha negociado uma troca com o inimigo, Ele enviou Seu único Filho, a quem amava ternamente (João 3:16) para vir e combater e nos

reclamar a todos como Seus. Que grande amor! E quanto regozijo quando eles retornam.

Em uma lição da Escola Sabatina que estudamos há muitos anos, foi explicado que no rebanho de ovelhas era natural permanecer até oito ou nove anos, tempo suficiente para que o pastor lhes desse um nome e para que as ovelhas reconhecessem o chamado ímpar do pastor. Todas as noites, quando o rebanho entra no aprisco, o pastor segura seu cajado em frente à entrada, poucos centímetros acima do solo. Ao cada ovelha passar sob o cajado, o pastor a inspeciona para ver se está ferida ou enferma. Assim, o pastor identifica rapidamente as suas próprias ovelhas. João 10:3, que corrobora esse pensamento, diz: “Para este o porteiro abre, as ovelhas ouvem a sua voz, ele chama pelo nome as suas próprias ovelhas e as conduz para fora”.

A lição também explicava que o pastor contava suas ovelhas e sabia imediatamente se alguma estava faltando. Uma versão em inglês da Bíblia, a Clear Word Devotional Bible, apresenta Lucas 15:4 da seguinte forma: “Se você fosse dono de cem ovelhas, não se preocuparia se faltasse uma? Não deixaria as outras pastando pacificamente, sob os cuidados de alguém, e iria em busca da perdida até encontrá-la?” Jesus conhece cada membro da igreja. Ele nos conhece por nome. Conhece nossas características e temperamentos especiais. Conhece nossos desejos e aspirações. Conhece nossas provas e dificuldades. Conhece nossos pontos fortes e nossas fragilidades. Sabe o que nos faz felizes e o que nos deixa tristes. Pertencemos a Ele, e Ele é o nosso Pastor. Quando um falta, Ele não deixa as noventa e nove sem proteção para ir em busca do faltante, mas

sai em sua busca. Lembremos que Jesus, o Bom Pastor, é Onipresente. Ele pode estar em todas as partes ao mesmo tempo. É Onisciente, não há nada que não saiba e é Onipotente, pois não há nada que não possa fazer. Nenhum de nós deve pensar que, pelo fato de estar cuidando das outras ovelhas, Ele não tem tempo para nós. “Porque assim diz o Senhor dos Exércitos: ‘Ele me enviou para buscar a sua glória entre as nações que saquearam vocês, porque todo o que neles tocar, toca na pupila dos olhos dele’” (Zacarias 2:8, NVI). Todos os membros da igreja estão sob o cuidado protetor e vigilante do grande Pastor e isso é uma boa notícia. Nada ocorre conosco que não aconteça em Sua presença. Ele nos defenderá e vindicará Seu nome e autoridade.

Na parábola de Jesus, a ovelha que se distanciou do rebanho sabia que estava perdida. Clamava por ajuda. Aparentemente, ela foi se distanciando do rebanho. Como muitos jovens e adultos cristãos, ela provavelmente estava buscando melhores pastos. Provavelmente, estava cansada da rotina diária e, como me disse um jovem, há alguns anos, necessitava de “novas experiências e de coisas mais excitantes e interessantes”. É possível que a pressão do trabalho ou do estudo ou talvez o desânimo o tenha levado à inatividade; ou talvez alguma atividade social o tenha cansado tanto que, certo sábado, decidiu ficar em casa e ir dormir e, por fim, não se recuperou da tentação tóxica. Pode ser alguma experiência sexual que lhe abriu os olhos na direção errada. Alguns estão longe porque sofreram ataques contra sua dignidade, abuso, maltrato e negligência o que lhes despertou o desejo de errar. Muitos jovens que estão esfriando e se distanciando do rebanho da

igreja, ainda acreditam que a Igreja Adventista do Sétimo Dia é o redil ao qual pertencem. Sua consciência os chama a cada dia para voltarem ao redil. Porém, a doutrinação e a intoxicação nas quais se viciaram os influenciam para que permaneçam espiritualmente indiferentes, descuidados e absortos nos cuidados da vida diária.

As ovelhas têm um forte instinto de seguir aqueles que estão à frente, e o mesmo ocorre com os jovens. Eles vão seguir, mesmo que não seja uma boa decisão, e seguirão até mesmo para o matadouro. Se uma ovelha saltar sobre um precipício, as demais provavelmente a seguirão. Com frequência sabem onde estão e que não estão no lugar certo, mas o regresso não é muito fácil. Para regressar, a ovelha necessita de ajuda e encorajamento. Aqueles que estão entre as noventa e nove devem, propositadamente, pôr-se em contato com elas e acompanhá-las em seu regresso ao rebanho. Como membros da igreja, precisamos ir em busca da ovelha perdida que se afastou do rebanho. Fazemos isso por meio das nossas orações. Vamos em busca dessas ovelhas fazendo contato pelas redes sociais. Devemos enviar-lhes um texto, escrever-lhes nas suas redes sociais, mencioná-las no *Tweeter* e enviar-lhes um *e-mail*. Mantenha contato através do *WhatsApp*. Temos que ir atrás dos que abandonaram a fé e amá-los para que voltem à igreja. É a ela que eles pertencem. A igreja deve estar aberta e ser cortês, solícita, perdoadora e acolhedora. Devemos fazer planos propositais para encontrá-los e trazê-los de volta. O que o pastor fez? Ellen G. White diz: “A ovelha que se desgarrou do redil é a mais impotente de todas as criaturas. Ela deve ser procurada; pois não pode encontrar o caminho para voltar. Assim acontece

com a alma que tem vagueado longe de Deus; acha-se tão impotente como a ovelha perdida; e, a não ser que o amor divino a venha salvar, não poderá nunca encontrar o caminho para Deus” (*Obreiros Evangélicos*, p. 183, 184).

O Pastor

De acordo com a pergunta de Jesus em Lucas 15:4, o pastor foi em busca de uma ovelha. Ao declarar que o pastor deixou as noventa e nove, Jesus queria enfatizar que o pastor era diligente, minucioso, determinado e proposital com respeito a trazer de volta a ovelha perdida. Nenhuma deve cair. Nenhuma deve se perder. Todas devem estar sob o cuidado protetor e amoroso do Mestre. Ele ama a todas. Essa parábola, mais que qualquer outra, foca a atenção no solícito e amante Pastor.

É interessante notar que o pastor não emprega trabalhadores para irem buscar a ovelha perdida. Essa foi uma busca pessoal. Ele mesmo foi e não desistiu até trazê-la de volta. Quão persistente foi o pastor! Jesus é persistente na Sua busca de todos os jovens que se afastaram dEle. Não se trata de alguns de nós faltarmos algum sábado na igreja ou deixarmos de assistir a algum culto. É possível até mesmo que estejamos ativos, dirigindo o Clube dos Aventureiros, atuando como conselheiros no programa dos Desbravadores. Alguns de nós podemos, até mesmo, ser diretores de jovens, ganhadores do Concurso Bíblico e ser jovens campeões na causa do Senhor, fazendo coisas inovadoras em favor da comunidade. Não obstante, em nosso relacionamento com o Bom Pastor somos a ovelha perdida. Agora é tempo de fazer um inventário. Tempo de introspecção para avaliar nossa posição com nosso Salvador.

Ele celebrará com todos os que Lhe permitirem trazê-los de volta ao redil.

A Celebração

Sempre há festa no céu! Jesus disse: “É isto o que ocorre no Céu: Quando um pecador vê que está fazendo o mal, confessa seus pecados e decide mudar de vida, não há como imaginar a celebração que há no Céu por causa dessa pessoa. O regozijo é por aquele que se arrepende, não pelos noventa e nove que estão em casa e não necessitam de arrependimento.” (Lucas 15:7, versão Clear Word, tradução livre). As noventa e nove não necessitam se preocupar porque tiveram seu regozijo e estão desfrutando da viagem rumo ao reino e do companheirismo de outros no rebanho. Agora é tempo de regozijar-se com aqueles que acabaram de voltar. Não há tempo para a autocomiseração. É tempo de celebrar a volta dos errantes. Jovens, você são pessoas especiais no Céu e na Terra. A igreja os ama e necessita de vocês. Venham com seus talentos. Vocês têm uma parte vital no cumprimento da obra da evangelização e em ajudar a edificar outros na fé.

Você que está voltando ao redil de Cristo, bem-vindo à celebração! Essa celebração têm duas dimensões e até mesmo uma terceira. Ela ocorre no Céu, por você ter voltado. Ocorre na igreja, quando cada membro se alegra por vê-lo voltar à fé; mas a maior celebração ainda está por vir: Jesus virá buscá-lo e a todos os demais. Ele não virá sozinho, mas acompanhado de milhares de anjos. Seremos levados ao reino e receberemos a coroa de glória na grande coroação que ocorrerá às portas da cidade. Ellen G. White diz que também receberemos nossa harpa das mãos do Salvador e nos uniremos ao coro celestial,

entoando o cântico dos redimidos: “Finalmente no lar!” Sim, caminharemos pelas ruas de ouro e que grande reunião será com nossa família, amigos e amados. Veremos o rosto do amoroso Jesus e as cicatrizes em Suas mãos por causa da nossa salvação. Que celebração quando residirmos nas mansões que Ele está preparando agora! Será uma eternidade de celebração!

Que comece a celebração! Bem-vindos ao lar! Bem-vindos ao lar!

Apelo e Oração

Hino Final

Oração

3

Data: Segunda-feira

Tema: Recuperação

Ênfase: Os jovens e o lar

Tópico: Apegue-se a Jesus

Texto: Lucas 15:11-32

TOPO

Minha esposa e eu conhecemos Orlando em nosso primeiro distrito pastoral e ficamos impressionados. Ele estava presente em cada culto da igreja: nas reuniões evangelísticas dos cultos de domingo à noite, nas reuniões de oração de quarta-feira e em todos os programas de sábado, desde a Escola Sabatina até o pôr do sol. Ele era excepcionalmente ativo no departamento de jovens, sendo diretor JA e do Clube de Desbravadores de forma rotativa. Todos sabiam que ele era um membro consagrado da igreja e era muito amado pelas crianças, jovens e adultos. Depois que deixamos o distrito, nós o víamos ocasionalmente, falávamos sobre sua fé e de outros interesses sociais que ele tinha e o afirmávamos espiritualmente. Os anos se passaram; perdemos o contato com ele, até que um dia, ao visitarmos certa cidade, encontramos-nos casualmente . Agora ele não estava vestido como costumava se vestir, e a garrafa que tinha na mão

certamente não refletia a causa que ele representava. Quando lhe perguntamos o que estava acontecendo em sua vida, tanto espiritual como socialmente, ele disse que a profecia se havia cumprido nele. Ao questioná-lo quanto ao que isso queria dizer, sua resposta foi uma paráfrase de 2 Timóteo 3:2-4: “pois os homens serão egoístas, avarentos, jactanciosos, arrogantes, blasfemadores, desobedientes aos pais, ingratos, irreverentes, desafeiçoados, implacáveis, caluniadores, sem domínio de si, cruéis, inimigos do bem, traidores, atrevidos, enfatuados, mais amigos dos prazeres que amigos de Deus”. Disse que já não era membro da igreja e que desejava voltar para Cristo e para seu antigo amor pela igreja, mas que isso lhe parecia como se tivesse de escalar uma montanha intransponível e, com frequência, tinha raiva de si mesmo.

Essa experiência nos faz lembrar a parábola do filho pródigo relatada por Jesus. Lucas 15:11-32 chama nossa atenção não apenas para o filho perdido. Há, pelo menos, três personagens importantes e uma alegre celebração que são essenciais nessa parábola. Os três personagens são o filho perdido longe de casa, o pai e o filho perdido dentro da própria casa. A celebração é o enfoque do grande regozijo que ocorre quando o filho errante volta ao amor do lar.

O filho perdido longe de casa (Lucas 15:11-21)

Na parábola, Jesus não menciona os nomes, apenas que certo homem tinha dois filhos. Um dos filhos cansou-se da disciplina, das regras, deveres e proibições do lar. Sentiu inveja e foi atraído pelo estilo de vida de seus amigos e contemporâneos que, nos tempos pós-modernos, se assemelhavam à subcultura urbana contemporânea “hipster” – uma moda que controla a

alma de muitos jovens hoje. Entendeu que o valor dado ao pensamento independente e a obsessão por ele eram seus ideais. O movimento contracultural que idealizava criatividade, inteligência e engenhosidade provocou-lhe uma fome insaciável por um estilo de vida indulgente. A política progressista e o apreço excessivo pela arte e pelo “indie-rock” que lhe consumiam o interesse eram exatamente aquilo de que ele desejava participar. A autonomia que tinha e sua habilidade de tomar decisões independentemente da coerção paterna o levaram a anelar pela liberdade. As aparências externas faziam parecer que eles estavam desfrutando dos luxos da vida e isso lhe chamou a atenção e o levou a sentir-se entediado sem que nada no lar pudesse satisfazê-lo, e sentia apenas uma vontade de ser independente, de ter liberdade de movimento e de tomar decisões sem restrições. Sua forma de se vestir o fascinava bem como o prazer, o entretenimento e o estilo de vida moderno – tudo isso lhe parecia excelente.

Queria ser como eles. Bebidas, música pop, dança, cinema, sexo, festas, irmandades, redes sociais, roupas de grifes famosas e marcas como Levi James, Michael Kors, a colônia Porsche e Nike, tudo isso lhe cativava a imaginação. Com toda essa intoxicação mental, ele exigiu do pai: “Pai, dá-me a parte dos bens que me cabe.” (v. 12) Ele apenas estava interessado na riqueza financeira do pai, não na saúde emocional, social, física ou espiritual. Sem impor qualquer restrição, o amoroso, compassivo e complacente pai dividiu a herança e entregou ao filho o que ele exigia. Que experiência incrível para o filho – finalmente era livre! “Passados não muitos dias, o filho mais moço, ajuntando tudo o que era seu, partiu para uma terra

distante e lá dissipou todos os seus bens, vivendo de forma dissoluta” (v. 13).

Ele era legal, mas exagerado e extravagante na forma como gastou o que havia recebido. O texto diz: “[...] dissipou todos os seus bens, vivendo de forma dissoluta”. Gastou o dinheiro de forma descuidada e logo perdeu sua fortuna. Foi irresponsável, esbanjador e imprudente. Essa é a tendência dos seres humanos, impulsionados pelas poderosas forças satânicas – tornam-se impacientes sob o controle divino, desejando ser independentes de Deus, procurando ser seu próprio mestre – esse é o “pecado de pecados” no qual todos os pecados subsequentes estão incluídos.

Assim como o filho abandonou o lar cheio de riquezas, muitos jovens vivem na terra do esbanjamento. Como cristãos desviados, afastam-se da igreja e vivem como o filho pródigo, longe do lar, em um país distante onde buscam acalmar a consciência e desperdiçam a riqueza e os valores morais e espirituais que aprenderam no lar e na igreja. Estão interessados nos bens de Deus, mas não no próprio Deus. Estão interessados em ter alimento na mesa, mas não no Deus de quem os recebem. Estão interessadas no ar que Ele lhes provê, mas não nEle; na boa saúde que Deus lhes dá, mas não nEle. Interessam-se pelos dons de Deus; o noivo ou a noiva, o dinheiro e os talentos e habilidades naturais, mas não estão interessados em Deus.

“Depois de ter consumido tudo, sobreveio àquele país uma grande fome, e ele começou a passar necessidade. Então, ele se agregou a um dos cidadãos daquela terra, e este o mandou para os seus campos a guardar porcos. Ali, desejava ele fartar-se das

alfarrobas que os porcos comiam; mas ninguém lhe dava nada. Então, caindo em si, disse: Quantos trabalhadores de meu pai têm pão com fartura, e eu aqui morro de fome! Levantar-me-ei, e irei ter com o meu pai, e lhe direi: Pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus trabalhadores. E, levantando-se, foi para seu pai.” (v. 14-20)

Nesse país distante, o filho perdido, longe do perigo da interferência do lar, intoxicado com seus novos recursos e ansioso pelo luxo de utilizá-los conforme seus desejos, consumiu toda a fortuna e perdeu sua dignidade e até seus amigos. Não se deu conta do valor do que tivera em casa, na casa de seu pai. Sentiu que estava perdendo a diversão e a fofoca dos centros cosmopolitas da sociedade. Quando perdeu seus recursos, ele perdeu os amigos. Já não podia comer bem e comer limpo. Não mais shows da Broadway e compras compulsivas. Acabaram-se os dias dos perfumes e desodorantes finos, e agora os porcos malcheirosos eram sua companhia mais próxima.

Althea estava na igreja, sem trabalho e sem marido. A vida era difícil, e as coisas não estavam indo bem. Estava cansada dos deveres e proibições de uma igreja maçante, com pregadores maçantes, com programas e membros maçantes. Ela deixou a igreja e fez amizade com um jovem que não tinha interesse em Deus ou na igreja. Não muito tempo depois, ela engravidou e nunca mais viu esse rapaz. Agora estava fora da igreja, sem trabalho, sem marido, com um filho sem pai, sem dinheiro e sem ninguém para cuidar dela. Dependia das esmolas e acabou em uma instituição de saúde mental.

Muitos jovens e adultos se perguntam: “Por que precisamos da igreja hoje? Há coisas mais divertidas, e a igreja simplesmente não é interessante.” “A vida é minha”, alguns dizem. “Vou viver como eu quero.” Isso corresponde a dizer: “Deus, eu gostaria que o Senhor estivesse morto! Na verdade, Deus está morto para mim.” Você já se sentiu nessa situação? Já fez isso? Você tem as camisetas ou algum souvenir para mostrar? Você dedica todo o seu tempo a esportes, trabalho, alimentos, diversão? Você não tem tempo para se dedicar à Palavra de Deus que transmite vida? Você não tem comunhão com o Pai Celestial? Você não mantém companheirismo com a família de Deus?

Em certo sentido, todos nós já estivemos nessa situação – talvez não na forma de uma vida abertamente concupiscente, mas, pelo menos, distanciando-nos de Deus e seguindo nossos próprios desejos. Esse é o filho perdido, longe do lar, vivendo em todos nós, desperdiçando e esbanjando nossa primogenitura. Mas, por fim, chegaram os tempos difíceis. Jamieson e Brown, em seu *Critical and Explanatory Commentary on the Whole Bible*, dizem: “Este foi seu ponto da mais baixa profundidade. Estava parecendo sem misericórdia, sozinho no mundo e pronto a desaparecer dele sem que alguém notasse. Mas este é justamente o ponto decisivo da bênção – a escuridão mais profunda ocorre antes do amanhecer”. Agora ele decidiu voltar ao pai, não como filho, porque sabia que essas relações estavam mortas. Desejava voltar para casa e trabalhar como assalariado. Antes, seu lema era: “Qualquer lugar, mas não o lar”. Agora, ele dizia: “Ah, aquele lar! Poderia eu me atrever a esperar que não me fechassem a porta? Eu ficaria

muito feliz de ocupar qualquer lugar e fazer qualquer trabalho, simplesmente contente de estar ali”. Ellen G. White diz: “Miserável como era, o pródigo achou esperança na convicção do amor do pai. Era aquele amor que o estava impelindo para o lar” (*Parábolas de Jesus*, p. 103).

O pai pródigo (Lucas 15:20-24)

Com frequência referimo-nos a esta parábola em Lucas 15:20-32 como a história do filho pródigo, mas a palavra PRÓDIGO não é mencionada em algumas versões das Escrituras. O termo pode ser aplicado tanto ao pai quanto ao filho. De acordo com a *Free Online Bible*, a palavra pródigo deriva de uma raiz latina que pode ser tanto um adjetivo como um substantivo. Como adjetivo, tem estes dois significados principais: 1) Temerariamente esbanjador ou extravagante. Isso significa que poderíamos gastar prodigamente, por exemplo, em armas desnecessárias; ou poderíamos viver uma vida pródiga. 2) Dar e receber em abundância; liberal ou generoso. Assim sendo, podemos ser pródigos em louvores a alguém.

Como substantivo, é a pessoa que é dada ao luxo esbanjador ou à extravagância. Quando falamos do filho pródigo, usamos o termo em sentido negativo. Esse filho se excedeu e foi extravagante na forma de gastar o que lhe fora dado. O texto diz: “[...] desperdiçou seus bens vivendo prodigamente”. [Não encontrado o termo “prodigamente” em algumas versões em português.] Isso é o que significa ser “pródigo” no sentido negativo que é aplicado ao filho. Ele gastou seu dinheiro despreocupadamente. Foi irresponsável. Foi esbanjador e imprudente em seu estilo de vida. Por outro lado, o pai se excedeu e foi extravagante em um sentido mais neutro e até

positivo. Foi “temerariamente extravagante” em seu amor. Foi esplêndido e abundante em seu amor, em sua graça e em sua ação dadivosa. A ambos os filhos ele deu profusa e generosamente.

De que forma ele foi um pai pródigo? O filho caçula lhe pediu a parte na herança ou na propriedade. Geralmente, a distribuição se faz depois da morte da pessoa. O pai ainda estava vivo e o filho estava lhe pedindo o que ainda não tinha direito de receber. É quase como se ele dissesse: “Então, pai, visto que você está morto, pelo menos para mim, preciso da minha parte agora mesmo”. Pode-se notar aqui o desapego emocional. Para muitas pessoas, Deus pode muito bem estar morto, contanto que elas consigam o que querem. Que insulto, que tapa na cara dizer ao pai: “Quero a minha parte da herança e quero agora!”

Em nossos dias, o pai seria justificado se desse batesse num filho tão insolente. Ao invés disso, ele consentiu. Aqui o pai manifestou paciência e indulgência e foi dominado pelo excessivo e custoso amor. Transcorreram os anos e agora a situação havia mudado. O filho estava voltando para o lar sem um presente, sem dinheiro e sem trocar de roupa, sem os bens desejados, sem as marcas famosas, sem a fama que foi buscar. Ele estava voltando para um pai que desejara que estivesse morto, e tudo o que ele tinha era um discurso preparado para aceitar uma posição humilhante e degradante.

Qual era a reação esperada? Ele esperava rejeição, raiva e uma bronca. Porém, antes mesmo de poder proferir seu discurso memorizado, viu o pai correndo pelo caminho para se encontrar com ele. O pai não estava irado! Corria para encontrá-

lo com o rosto sorridente. Antes que o rapaz tivesse a oportunidade de falar, o pai lhe deu um forte abraço, um abraço amoroso e beijou-lhe o pescoço. O filho interrompeu o discurso memorizado e ouviu um pai feliz, extravagante e pródigo dizer: “[...] Trazei depressa a melhor roupa, vesti-o, ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés; trouxei também e matai o novilho cevado. Comamos e regozijemo-nos, porque este meu filho estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado [...]” (v. 22-24).

Vemos aqui a verdadeira “prodigalidade” de seu pai. Essa graça do pai é excessiva e extravagante. O filho não a merece e diz: “Pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho” (v. 21). Quando ele chegou a esse ponto, as palavras se dissolveram em lágrimas de felicidade. Ele agora entendeu que sua ideia não estava funcionando. Havia um plano melhor. Seu pai não o queria como empregado. Ele não estava recebendo o que merecia. Seu pai o queria de volta. Restauração completa. Um esbanjamento de amor pródigo e extravagante. Precioso amor, cheio de graça e ternura, aceitação e perdão.

O pai demonstra amor por meio de suas ações. Cobre a humilhação e nudez do filho com seu melhor manto. Coloca em seu dedo o anel de selar e calça-lhe os pés, como símbolo de pertencer a uma família. Dá-lhe as boas-vindas de volta à família e, para selar o trato, ele é honrado com uma extraordinária festa.

Esta é uma representação apropriada do caráter do nosso Pai celestial. Deus não nos derruba quando merecemos. Ele nos ama tanto, que enviou Seu único Filho, Jesus Cristo em carne, para nos mostrar o quanto nos ama. Jesus veio como o amigo dos pecadores rebeldes e fugitivos do lar. Veio para manifestar

a graça e a misericórdia do Pai e para nos dar as boas-vindas de volta à Sua família. Ao contemplar a cruz, vemos a extravagância da vontade divina em Seu empenho de restaurar nosso lugar dentro de Sua família. Provavelmente, você não abandonou seu lar. Talvez tenha permanecido fisicamente na família de Deus e talvez esteja passiva ou ativamente envolvido nela, mas está desanimado. A você também o Pai Pródigo estende esse amor precioso.

O filho perdido em casa (Lucas 15:25-30)

“Ora, o filho mais velho estivera no campo; e, quando voltava, ao aproximar-se da casa, ouviu a música e as danças. Chamou um dos criados e perguntou-lhe que era aquilo. E ele informou: Veio teu irmão, e teu pai mandou matar o novilho cevado, porque o recuperou com saúde. Ele se indignou e não queria entrar; saindo, porém, o pai, procurava conciliá-lo. Mas ele respondeu a seu pai: Há tantos anos que te sirvo sem jamais transgredir uma ordem tua, e nunca me deste um cabrito sequer para alegrar-me com os meus amigos; vindo, porém, esse teu filho, que desperdiçou os teus bens com meretrizes, tu mandaste matar para ele o novilho cevado.”

Enquanto o pai e seus empregados se regozijavam e celebravam que o filho perdido havia sido achado, o irmão que ficara em casa estava triste, tendo um ataque de ira e se negando a participar. Sarcasticamente, ele se refere ao irmão como “esse teu filho”; negando-se assim a reconhecer o próprio irmão. Os ciúmes e as posses materiais anuviaram sua alegria, porque seu coração estava fora de lugar. Estava loucamente insensível e endurecido. Estava totalmente desconectado emocional e espiritualmente. Estava absolutamente desanimado pelo

regresso do irmão. A demonstração de seu desgosto e infelicidade era exagerada. Ele era o filho pródigo dentro de casa, o filho perdido no próprio lar. Quão triste o fato de que muitos de nós podemos estar na igreja, mas perdidos. Pode ser que muitos em casa estejam sofrendo um ataque – não celebrando, porque creem que a pessoa que voltou para o Senhor não se arrependeu e não está convertida.

Como o filho em casa, muitos vivem sua vida na casa do Pai, mas ainda estão envoltos por uma aridez espiritual, dor, desilusões e calamidades sociais. Até mesmo podem se sentir desonrados, desacreditados e ignorados. Não podem sentir nem ver motivo algum para celebração. Foram dominados pela autocomiseração e podem até mesmo se sentir tentados a abandonar o lar, especialmente quando veem o tratamento dado ao que deixou a casa.

Então o pai se aproximou do filho que ficara em casa, e que sentia autocomiseração. O pai suplicou e convidou o filho dizendo: “Meu filho, tu sempre estás comigo; tudo o que é meu é teu. Entretanto, era preciso que nos regozijássemos e nos alegrássemos, porque esse teu irmão estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado.” Ellen G. White diz: “Este irmão mais velho não participara da ansiedade e expectativa do pai por aquele que se perdera. Não partilha por isso da alegria paterna pela volta do errante. [...] Demonstra que seu serviço era antes o de servo e não de filho. Ao passo que devia ter constante alegria na presença do pai, seus pensamentos estavam dirigidos aos lucros a serem acumulados por sua vida circunspecta. Suas palavras mostram que por essa razão se privou dos prazeres do pecado” (*Parábolas de Jesus*, p. 106, 107). Deus está

interessado em uma relação íntima com todos nós em vez de uma experiência superficial e emocional motivada pelo leite e mel, pelas ruas e mansões de ouro.

A alegre celebração (Lucas 15:32)

“Entretanto, era preciso que nos regozijássemos e nos alegrássemos, porque esse teu irmão estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado” (v. 32). O que o pai pródigo está realmente dizendo ao filho que ficou em casa é: “temos de celebrar porque seu irmão estava morto e começou a viver; ele estava perdido e foi encontrado”.

Que júbilo há! Uma celebração festiva! Nós defendemos que, quando alguém vem a Jesus, os membros da igreja devem ter, literalmente, uma celebração. Os batismos devem ser realizados no horário nobre dos cultos da igreja a fim de chamar a atenção de todos os membros. Exceto em raros casos quando as circunstâncias não permitam, os batismos não devem ser um assunto de pouca importância, quando dois ou três se reúnem, embora haja muitas pessoas envolvidas na fé. Devemos matar um bezerro gordo. Deve haver muita alegria na igreja e regozijo na Terra quando alguém volta para o Senhor. Todos nós viemos para a festa da mesma forma, apenas por meio do amor extravagante, excessivo, profuso, exorbitante e precioso do nosso Pai Pródigo. Há e haverá celebração no Céu e, assim sendo, que comece a festa! Devemos ter cafés da manhã de oração, reuniões sociais de boas-vindas e recepções de integração social.

Nosso Pai Pródigo tem um banquete para os que ficam em casa e para os que voltam, tanto aqui como no porvir. Nossa celebração aqui é apenas um antegozo do banquete celestial.

Nosso Pai Pródigo está nos preparando mansões. Nosso Pai Pródigo tem a vida eterna para nos conceder. Seu amor é excessivo, extravagante e glorioso – Ele é assim. É dessa forma que Ele age. Não há nada melhor! E muito em breve Ele enviará Jesus:

Jesus – que deixou a glória do Céu para vir e estar ao nosso lado, virá para Se encontrar conosco no ar.

Jesus – virá com os anjos.

Jesus – virá como um leão conquistador para nos libertar das garras do prazer do inimigo.

Jesus – a Rocha dos séculos virá para nós.

Jesus – nos levará para a celebração celestial em Seu reino.

Você quer voltar para Ele agora?

Apelo e Oração

Hino Final

Oração

4

Data: Terça-feira

Tema: Recuperação

Ênfase: Os jovens e a moralidade

Tópico: Sozinho em Sua presença

Texto: João 8:1-11

TOPO

Ele tinha compulsão por bebidas alcoólicas, por fumar o que pudesse ser tragado e gostava de tudo o que fosse obsceno. Vivia descuidadamente. Duas jovens que participavam ativamente de um pequeno grupo de testemunho em sua igreja tiveram interesse por esse jovem de quem tinham grande compaixão e desejavam ver seu estilo de vida mudado a fim de poder viver feliz, esperando o segundo advento de Cristo. Em uma das raras ocasiões em que ele estava sóbrio, elas o visitaram e começaram a discutir o tema do amor. Ele teve o interesse despertado e pediu que elas voltassem para continuar a discussão. Prometeu-lhes que estaria sóbrio quando elas viessem. As visitas e discussões continuaram e, por fim, chegaram ao ponto de discutir o amor de Deus. Elas começaram a lhe dar estudos bíblicos até que ele finalmente começou a frequentar a igreja. Sua compulsão pelo fumo, pelas bebidas

alcoólicas e sua obsessão por coisas obscenas foi diminuindo gradualmente até desaparecerem. Ele se apaixonou por Cristo e pela igreja, onde formara amizades e estava ativamente participando de suas atividades. Por fim, Noel solicitou o batismo. Um dos pilares mais sólidos da igreja, a irmã Lovington, se opôs ao batismo porque considerou que ele ainda não estava convertido e era muito cedo para batizá-lo. Porém, pelo voto da maioria, foi aprovado o batismo.

Certa noite, algumas semanas depois do batismo, a irmã Lovington, que residia na frente de um clube noturno, viu o carro desse jovem estacionado na frente do clube. Ficou espreitando para ver a que horas ele deixaria o local. Porém, não viu Noel em momento algum enquanto ficou vigiando, nem tampouco viu quando o carro deixou o local. No dia seguinte, ligou para o pastor e para outros membros da igreja para falar sua opinião sobre Noel e que não fora considerada na comissão da igreja. Afirmou que o Senhor lhe permitira ser testemunha do que havia acontecido durante quase a noite toda no clube noturno na frente de sua casa. Ela insistiu dizendo que ele não estava pronto para o batismo e que a igreja deveria discipliná-lo por seu estilo de vida secular que não representava o evangelho nem a igreja. Quando a comissão convocou Noel, a irmã Lovington disse aos membros que o irmão recém-batizado havia passado muitas horas em um clube noturno e a evidência disso era que seu carro estava ali estacionado. Surpreso, Noel perguntou à irmã, por quem tinha muito respeito e admiração se ela o vira no clube. A resposta foi: “Não, mas seu carro estava estacionado lá”. Na noite seguinte, Noel estacionou o carro na frente da casa da irmã Lovington. O fato de haver estacionado o carro na frente

da casa dela era prova que ele havia entrado em sua casa? Claro que não. O fato é que naquela noite seu carro teve problemas mecânicos e parou de funcionar. Por isso, ele ficou estacionado diante do clube noturno.

João 8:1-11: “Jesus, entretanto, foi para o monte das Oliveiras. De madrugada, voltou novamente para o templo, e todo o povo ia ter com ele; e, assentado, os ensinava. Os escribas e fariseus trouxeram à sua presença uma mulher surpreendida em adultério e, fazendo-a ficar de pé no meio de todos, disseram a Jesus: Mestre, esta mulher foi apanhada em flagrante adultério... Jesus se levantou e lhes disse: Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire pedra. E, tornando a inclinar-se, continuou a escrever no chão. Mas, ouvindo eles esta resposta e acusados pela própria consciência, foram-se retirando um por um, a começar pelos mais velhos até aos últimos, ficando só Jesus e a mulher no meio onde estava. Erguendo-se Jesus e não vendo a ninguém mais além da mulher, perguntou-lhe: Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou? Respondeu ela: Ninguém, Senhor! Então, lhe disse Jesus: Nem eu tampouco te condeno; vai e não peques mais”.

A pressão e o ressentimento que muitos jovens enfrentam na igreja decorrem do que outros presumem e comentam com os demais quanto à sua conduta e comportamento. Alguns permanecem na igreja com esses ressentimentos e outros a deixam e seguem a Jesus à distância. Alguns têm dificuldade de experimentar a combinação do amor, da justiça e da misericórdia por aqueles por quem deveriam ter uma atitude redentora e agem como mentores, treinadores e guias

espirituais. A história relatada pelo apóstolo João tem grandes lições a serem aprendidas pelos jovens e pelos adultos e, especialmente, pelos líderes, nas questões da vida cristã prática nestes tempos pós-modernos. Desejo chamar a atenção para os três personagens principais na história bíblica: a) os acusadores, b) a mulher acusada e c) Jesus, o Supremo Juiz. A relação dos acusadores e as últimas palavras de Jesus à mulher acusada são de valor inestimável a todos os cristãos. Todos nós temos que deixar algo para trás e comparecer sozinhos diante da presença de Jesus, porque é somente então que encontramos a salvação e a esperança da vida eterna.

Os acusadores

As Escrituras identificam os acusadores da mulher como fariseus e mestres das leis religiosas. Eles eram os intérpretes oficiais da Lei de Moisés. Eram os dirigentes dos conselhos de justiça de seus dias. Consideravam-se acima de todos os demais nos assuntos espirituais e na manutenção das normas morais. Viam sua função como a de fazer cumprir a Lei de Moisés. Seu sistema de radar cobria uma vasta expansão geográfica e, portanto, pouco lhes escapava de sua atenção. Foram eles que convocaram a juízo o apóstolo Paulo no concílio, acusando-o de: a) de ensinar contra a lei, b) de trazer gentios ao templo, c) de contaminar o templo, d) de provocar sedição e e) de ser o líder-chave da seita dos nazarenos (Atos 21:28; 24:5, 6). O apóstolo Paulo lembrou-lhes: “Varões, irmãos, eu sou fariseu, filho de fariseus! No tocante à esperança e à ressurreição dos mortos sou julgado!” (Atos 23:6)

Quando João estava batizando alguns, por motivos escusos, foram para serem batizados, e ele exclamou: “Raça de víboras,

quem vos induziu a fugir da ira vindoura?” (Mateus 3:7). Em outro momentos Jesus disse aos seus ouvintes: “Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus” (Mateus 5:20). Quando Jesus foi à casa de Mateus, o coletor de impostos, estavam ali muitos dos que não seriam considerados como estando em harmonia com a lei, mas Jesus comeu com eles e os fariseus ficaram indignados e perguntaram aos discípulos de Jesus: “Por que come o vosso Mestre com os publicanos e pecadores?” (Mateus 9:11). O legalismo era tão acentuado que, certo dia, alguns perguntaram a Jesus: “Por que jejuamos nós, e os fariseus muitas vezes, e teus discípulos não jejuam?” (Mateus 9:14).

Os fariseus até mesmo acusaram Jesus de possessão demoníaca (Mateus 9:34). Novamente, por motivos ocultos eles se opuseram a Jesus por haver curado um enfermo no sábado (Mateus 12:10). Os mestres das leis religiosas e os fariseus eram tão beligerantes e se julgavam tão *perfeitos*, que convocaram uma reunião e traçaram planos para matar Jesus (Mateus 12:14). Eles fechavam as portas do reino àqueles que consideravam estar em desacordo com as leis. Sob sua administração, não havia lugar para erros ou equívocos. Nada, a não ser a absoluta perfeição era o requerido para ser membro dessa comunidade espiritual, e o perdão e a aceitação simplesmente não eram opções. Foram pessoas desse calibre que trouxeram a mulher supostamente acusada a Jesus com a seguinte acusação, condenação e método de execução: “Mestre, esta mulher foi apanhada em flagrante adultério. E na lei nos mandou Moisés

que tais mulheres sejam apedrejadas; tu, pois, que dizes?” (João 8:4, 5).

Você já foi acusado? Você já enfrentou o que poderia ser chamado de naufrágio em sua jornada cristã? Você está rodeado de problemas e de dificuldades em sua senda pessoal e cristã, provocado pelas tentações, pressões e conjecturas dos outros? Sua jornada cristã se tornou perigosa? Sua vida em geral e sua experiência cristã seguem na direção errada? E quanto à sua escolha profissional, ela segue na direção que pode dar munição aos que desejam acusá-lo? Se você foi errônea e injustamente acusado, você não é o único. Mas devemos ter cuidado também, porque é muito fácil nos considerarmos acusados e não reconhecermos que também podemos ser acusadores dos outros. Devemos ter cuidado para não fazer aos demais o que não desejamos que façam a nós.

O Espírito de Profecia diz: “Aqueles que são mais culpáveis do mal são os que primeiro veem o mal; portanto, que cada membro da igreja cuide para que seu coração seja puro diante de Deus e para que seu nome não esteja apenas registrado nos livros da igreja, mas sim no livro da Vida do Cordeiro. Então não será juiz de seus irmãos, não depreciará aqueles que você considera como cheios de defeitos” (RH, 10 de janeiro de 1893).
A mulher acusada

Ao relatar a história da mulher acusada, João prefere não revelar muito sua identidade. Não a menciona por nome, caso o soubesse; os acusadores não dão muitos detalhes a respeito do caso, salvo que ela foi surpreendida no ato do adultério. De acordo com a lei mosaica, conforme o registro de Levítico 20:10: “Se um homem adulterar com a mulher do seu próximo, será

morto o adúltero e a adúltera”. Nesse caso, nada foi dito contra o homem. Onde estava ele? Por que trouxeram apenas a mulher diante do tribunal?

A lei mosaica prescrevia a forma como deveriam ser castigados com a morte tanto o homem como a mulher no caso de adultério. “Quando no meio de ti, em alguma das tuas cidades que te dá o SENHOR, teu Deus, se achar algum homem ou mulher que proceda mal aos olhos do SENHOR, teu Deus, transgredindo a sua aliança, que vá, e sirva a outros deuses, e os adore, ou ao sol, ou à lua, ou a todo o exército do céu, o que eu não ordenei; e te seja denunciado, e o ouvires; então, indagarás bem; e eis que, sendo verdade e certo que se fez tal abominação em Israel, então, levarás o homem ou a mulher que fez este malefício às tuas portas e os apedrejarás, até que morram. Por depoimento de duas ou três testemunhas, será morto o que houver de morrer; por depoimento de uma só testemunha, não morrerá. A mão das testemunhas será a primeira contra ele, para matá-lo; e, depois, a mão de todo o povo; assim, eliminarás o mal do meio de ti” (Deuteronômio 17:2-7).

Há lugar para a administração da disciplina quando há uma flagrante desobediência aos princípios morais claramente expressos na Palavra do Senhor. Porém, as Escrituras são muito claras quanto a que essa disciplina seja administrada com impecável justiça. Deve haver uma investigação apropriada para que a decisão não seja tomada sem considerar os fatos, e tudo o que está envolvido deve fazer parte do sistema de justiça. Não deve haver parcialidade na administração da justiça. Os mestres da lei e os fariseus não eram minuciosos e justos na

administração dessa justiça. Eram corruptos, parciais e movidos pela malícia, pelo ódio e pelo ressentimento. Seu relacionamento com o Senhor era questionável e em vez de elevar os princípios da verdade e da justiça, sua intenção era satisfazer a seus próprios interesses depravados. Sempre há lugar para Jesus na administração da justiça. Sempre há lugar para acomodar o conselho divino, e esse é o motivo porque o método de resolução nesse caso é exemplar.

Jesus o Juiz Supremo

“[...] Mas Jesus, inclinando-se, escrevia na terra com o dedo. Como insistissem na pergunta, Jesus se levantou e lhes disse: Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire pedra. E, tornando a inclinar-se, continuou a escrever no chão.” (João 8:6-8) É interessante notar que Jesus, o Juiz Supremo, não disse que a justiça deveria ser cumprida. Não rejeitou sua petição. Apenas queria que eles refletissem pessoalmente antes de administrar o que consideravam como justiça. Muito especulam a respeito do que Jesus escreveu no chão e a implicação para os acusadores da mulher e para ela. Ellen G. White diz: “Impacientes ante Sua demora e aparente indiferença, os acusadores aproximaram-se, insistindo em Lhe atrair a atenção sobre o assunto. Ao seguirem, porém, com a vista, o olhar de Jesus, fixaram-na na areia aos Seus pés, e transmudou-se-lhes o semblante. Ali, traçados perante eles, achavam-se os criminosos segredos de sua própria vida” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 324). Escrever no chão foi um meio de aumentar a ação e para dar tempo para a reflexão pessoal.

Ao eles insistirem, Jesus respondeu: “Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire pedra”. Essa era uma referência direta a Deuteronômio 13:9; 17:7 (ver Lv 24:14). A testemunha do crime devia ser a primeira a atirar as pedras e não deveria ter participado no crime. De acordo com Ellen G. White, “a mulher estivera toda curvada, possuída de temor diante de Jesus. Suas palavras: ‘Aquele que dentre vós está sem pecado seja o primeiro que atire pedra contra ela’, haviam-lhe soado qual sentença de morte. Não ousava levantar os olhos para o rosto do Salvador, mas aguardava em silêncio a condenação.” (*Ibidem*) Ficou óbvio que Jesus era diferente dos outros líderes religiosos e fariseus de Seu tempo. Ele manifestou grande habilidade para tomar decisões que patentearam não apenas a culpabilidade da mulher, mas também de seus acusadores. Ele lhes revelou que eram tão culpados quanto a mulher e que mereciam ser condenados assim como ela. Em vez de jogar pedras, Jesus lançou compaixão, perdão, amor, graça, misericórdia, tolerância e aceitação. Você pode fazer o mesmo agora?

A reação dos acusadores

João 8:9 diz: “Mas, ouvindo eles esta resposta e acusados pela própria consciência, foram-se retirando um por um... ficando só Jesus e a mulher no meio onde estava”. Muitos acreditam que os acusadores foram condenados por “sua própria consciência”, e isso é confirmado por sua retirada constrangida. Eles tinham vindo com o propósito de envergonhar Jesus, usando a mulher como “bode expiatório”, mas saíram envergonhados, e a mulher ficou sozinha na presença de Jesus.

Há o momento em que os jovens, as crianças e os adultos devem abandonar algo para estar com Jesus. Os acusadores deixaram a mulher para trás e correram para seu refúgio pessoal. Eles se converteram quando saíram? Nem todos os que se afastaram diante da acusação se converteram. Alguns saíram com a mesma opinião. Ao deixarem a mulher para trás, alguns reconheceram que era o seu momento, não o da mulher. Não se tratava dela, mas sim deles.

A semana de oração é um tempo para contemplar e meditar de forma pessoal. É tempo de focar nossa atenção não tanto nos que nos acusam, mas de conferir para ver se a acusação é verdadeira ou falsa. Ela é correta ou incorreta? Estou dando motivos para a acusação? Se afirmativo, o que devo fazer a respeito? O acusado também deve considerar os acusadores. Este é aquele momento para reflexão pessoal. Os outros não devem ser mais importantes em nossa vida e experiências que o nosso relacionamento com Jesus. O que a mulher fez diante da acusação, quando todos os acusadores voltaram para suas casas? Ela ficou sozinha na presença de Jesus! Foi uma experiência de humildade para ela estar sozinha na presença de Jesus, mas uma experiência privilegiada. O círculo ao seu redor havia desaparecido, e lá estava *ela sozinha diante de Jesus*.

Sozinha diante de Jesus

A sós com a mulher acusada, Jesus Se dirigiu a ela pela primeira vez. Sua forma de falar: “*Mulher*” era totalmente respeitosa e comum naquela época. Ele não lhe perguntou se ela era culpada, pois sabia da veracidade do caso. Na verdade, Suas últimas palavras no verso dão a entender isso. A pergunta

que fez foi: “Ninguém te condenou?” A resposta foi direta: “Ninguém, Senhor!” Foi nesse momento que Jesus chegou perto de responder à pergunta que Lhe fora feita no início.

Independentemente das exigências da Lei de Moisés, Jesus disse: “Nem eu tampouco te condeno; vai e não peques mais.” Ellen G. White diz: “Atônita, viu os acusadores partirem mudos e confundidos; então, chegaram-lhe aos ouvidos as palavras de esperança: ‘Nem Eu também te condeno; vai-te, e não peques mais’. João 8:11. Comoveu-se-lhe o coração, e ela se atirou aos pés de Jesus, soluçando em seu reconhecido amor e confessando com amargo pranto os seus pecados” (*Ibidem*, p. 325). A segurança e a integridade pessoal nas palavras de Jesus não apenas chamam a atenção ao fato de que Ele não veio para condenar, mas para salvar (João 3:17; 12:47), mas nos levam a lembrar das narrativas sinópticas que atribuem a Jesus, como o próprio Deus, o direito de perdoar pecados (Mateus 9:1-8). A resposta apropriada à misericórdia recebida com respeito aos pecados passados é a pureza no futuro. Há um lugar para o perdão, o perdão da culpa, o perdão daqueles que acusam, e o perdão mesmo na inocência. Perdoe!

Jovens, coloquem-se diante da presença de Jesus. A salvação não se encontra na multidão, mas nesse relacionamento individual, onde o diálogo pode ser ao vivo e direto, sem a intervenção de comentaristas. Somente Jesus e você! É disso que precisamos; é desse relacionamento individual com nosso Salvador. Como você pode estar a sós em Sua presença? Dedicando tempo para a oração pessoal, passando tempo na leitura e estudo de Sua Palavra, bem como na leitura dos escritos do Espírito de Profecia e de outros materiais

inspiradores. Meditando nele e testemunhando regularmente da graça salvadora em sua vida.

As últimas palavras de Jesus à mulher

As últimas palavras de Jesus quando ficou sozinho com a mulher, foram: “Nem eu tampouco te condeno; vai e não peques mais” (v. 11). Isso nos lembra da experiência de José. Devido aos rancores, ciúmes, ódios e invejas de seus irmãos, eles o venderam como escravo a mercadores egípcios. Sua fidelidade a Deus, baseada no tempo que passou a sós com Deus, lhe concedeu grandes dividendos. Embora tenha passado pela experiência do poço, de ter sido vendido e de haver sido tratado quase como um animal, intimidado, seduzido e lançado na prisão, ele, por fim, se tornou o governador do Egito. Para surpresa de seus irmãos, que se sentiram devedores a ele por terem subsistido e que estavam arrependidos de suas ações e assombrados com a posição de autoridade dele, ele lhes disse: “Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem, para fazer, como vedes agora, que se conserve muita gente em vida” (Gênesis 50:20).

Os acusadores trouxeram a mulher a Jesus. Sua intenção era má, mas isso deu à ela a oportunidade de estar a sós com Jesus, e quão assombroso foi o resultado! O veredito de Jesus: “Nem eu tampouco te condeno” não foi proferido como simples absolvição ou veredito de não culpabilidade. De fato, era a requisição de uma mudança estrita a fim de viver, deste momento em diante, de forma diferente, sem pecar mais. A obra libertadora de Jesus não implica na escusa do pecado. Ele estabeleceu Seu ponto de forma direta, embora Sua expressão tenha quase retratado essa mulher como uma pessoa

habitualmente licenciosa. Ele lhe disse: “Vá para casa, você está viva, mas abandone sua vida de pecado.” O encontro com Jesus sempre demanda a transformação da vida, o afastamento do pecado. Ao paralítico mencionado em João 5:14, Ele também faz a advertência “não peques mais”, mas nessa história o homem também se viu confrontado pelas devastadoras consequências de deixar de dar atenção à advertência. Jesus não trata o pecado de forma leviana, mas oferece ao pecador a oportunidade de começar uma nova vida.

Jovens, aproveitem a oportunidade agora mesmo e tomem a decisão de iniciar uma nova vida com Jesus. O propósito de Deus ao enviar Seu Filho a este mundo não foi o de condenar o mundo, mas salvar o mundo por meio dEle (João 3:17). Vocês querem aceitá-Lo hoje? Desejam fazer neste momento o compromisso de estar a sós com Jesus? Muito em breve Ele virá buscar os que estão comprometidos com Ele. Não todos serão salvos, mas os que O escolherem serão salvos; e a salvação também é para os jovens. Este é o momento para você aceitar o dom gratuito da salvação e de se entregar a Jesus, o seu Salvador.

Apelo e Oração

Hino Final

Oração

5

Data: Quarta-feira

Tema: Recuperação

Ênfase: O jovem e sua identidade

Tópico: A luta pela mente

Texto: Lucas 8:26-39

TOPO

Verona era uma jovem muito inteligente que sabia argumentar bem e gostava de discutir. Ela era um tanto obstinada e amistosa e gostava de estar sempre na companhia das pessoas, especialmente daquelas que se consideravam pós-modernistas e que andavam na moda. Ela gostava de questionar as normas e as práticas da igreja e se considerava como porta-voz daqueles que não tinham voz ou voto ou dos que eram demasiadamente tímidos para falar. Ela era socialmente consciente e se considerava responsável por se manter em contato com seus colegas através das redes sociais a fim de mantê-los inteirados dos acontecimentos atuais. Ela mantinha um *blog* por meio do qual apresentava suas opiniões sinceras sobre vários assuntos. Mantinha-se atualizada com as notícias e com as tendências mais relevantes por meio de sua conta muito ativa no *Twitter*. Sua obsessão pelos computadores, pela

Internet e sua curiosidade por adquirir conhecimento a levaram ao tabuleiro Ouija (Wee Gee), que é um tabuleiro com as letras do alfabeto, com os números de 0-9, com as palavras sim, não, oi e tchau, assim como vários símbolos gráficos. Ele também é conhecido como o tabuleiro dos espíritos ou o tabuleiro falante.

O tabuleiro usa uma pequena peça de madeira em forma de coração ou um indicador móvel para indicar a mensagem do suposto espírito, escrevendo sobre o mesmo durante uma sessão espírita. Os participantes colocam os dedos sobre o tabuleiro e o espírito, supostamente, o move para soletrar as palavras. Esse tabuleiro é associado à possessão demoníaca, e as pessoas são advertidas a não terem nada a ver com ele. Porém, Verona foi atraída a ele e convidou um amigo para acompanhá-la nesse “jogo”, certa noite. Enquanto jogavam, ela foi possuída por espíritos maus. Começou a grunhir e a girar em transe. Ficou perambulando, começou a ter alucinações, mostrando sintomas de espasmos musculares e dificuldade para deglutir. Era difícil controlá-la, pois adquiriu uma força sobre-humana e começou a falar com uma voz muito rouca, mais grossa do que a de um homem maduro. Ela fez várias tentativas de encontrar objetos cortantes e parecia desejosa de tirar a própria vida e de ferir os que a rodeavam.

Hoje, no mundo, Satanás e todos os seus demônios buscam pessoas para ser os alvos de seus dardos. Eles estudam seus pontos fracos e fortes e lança seus dardos exatamente nesses pontos fracos para subjugar-las. Ao os jovens e adultos seguirem se envolvendo com o satanismo, o primeiro objetivo do diabo é alterar seus valores e fazer com que se voltem contra si mesmos, contra suas crenças, contra a família, Deus e a

sociedade. Essas forças demoníacas influenciam as pessoas a buscar conhecimento de informações desconhecidas, obtidas e recebidas além dos cinco sentidos, ao participarem ou se conectarem com o sobrenatural.

Lucas 8:26-29 é um texto relevante referente ao nosso tema: “A luta pela mente”. “Então, rumaram para a terra dos gerasenos, fronteira da Galileia. Logo ao desembarcar, veio da cidade ao seu encontro um homem possesso de demônios que, havia muito, não se vestia, nem habitava em casa alguma, porém vivia nos sepulcros. E, quando viu a Jesus, prostrou-se diante dele, exclamando e dizendo em alta voz: Que tenho eu contigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Rogo-te que não me atormentes. Porque Jesus ordenara ao espírito imundo que saísse do homem, pois muitas vezes se apoderara dele. E, embora procurassem conservá-lo preso com cadeias e grilhões, tudo despedaçava e era impelido pelo demônio para o deserto.”

A possessão satânica e a doença mental

Durante séculos, muitos têm sustentado a opinião de que a doença mental é possessão satânica. O artigo de Chris Cook sobre possessão satânica e doença mental, publicado no *Christian Medical Fellowship Journal*, no outono de 1997, afirma que parece razoável sugerir que a possessão demoníaca pode ser um fator etiológico (de causa) em alguns casos de doença mental, mas pode também ser um fator etiológico em certas condições não psiquiátricas e, em outros casos, pode ser encontrada na ausência de desordens psiquiátricas ou médicas. Ainda mais, a possessão satânica é essencialmente um problema espiritual, mas a doença mental é um assunto para o qual colaboram muitos fatores espirituais, sociais, sociológicos

e físicos que podem ter um papel etiológico. Com base em situações da vida real, as doenças mentais não devem, portanto, ser consideradas categoricamente como possessão demoníaca.

A possessão satânica pode ser mais acentuada em algumas partes do mundo do que em outras. As habilidades de diagnóstico diferencial têm um papel importante em oferecer ajuda àqueles cujos problemas podem ser de origem satânica ou talvez psiquiátrica. No caso de possessão demoníaca, é de grande importância ter discernimento espiritual para enfrentar esses casos. Por outro lado, no caso de enfermidades mentais, a atenção médica e psiquiátrica é inestimável. Quer se trate de possessão demoníaca, doença mental, física, social ou espiritual, Jesus tem o poder sobre tudo isso e, por meio da oração persistente e da dependência dEle pela fé, é possível obter a cura e a restauração. Esta história de possessão demoníaca tem implicações espirituais para os jovens, crianças e adultos de hoje.

Há extremos que devem ser evitados com relação à possessão satânica ou aos movimentos satânicos. C. S. Lewis disse: “Há dois erros iguais e opostos nos quais nossa raça pode cair no que diz respeito aos demônios: um é desacreditar em sua existência. O outro é acreditar e sentir um interesse excessivo e doentio por eles. Os demônios se deleitam igualmente em ambos os erros e aclamam com o mesmo prazer tanto o materialista quanto o mágico” (p. 3).

O Endemoninhado

De acordo com esta passagem, a comissão de boas-vindas de Jesus à terra dos gerasenos foi composta por um homem

totalmente possuído por demônios. É óbvio que esse problema era grave nos dias de Lucas, uma vez que os autores dos evangelhos mencionam vários casos similares. Sua aparência poderia ser comparada à do personagem da criação cinematográfica do “Incrível Hulk”. Embora seus sintomas poderiam parecer-se com os de um louco, os diferentes evangelhos assinalam que era um caso de possessão demoníaca. Movido por essa terrível condição, o homem abandonou seu lar, isolou-se das pessoas e associou-se aos mortos, pois foi viver no cemitério, lugar onde ninguém em sã juízo escolheria viver. Ele andava desnudo e vagava pelos arredores, cheio de ira e fúria, provocando medo em todas as pessoas da região. Ele era tão forte que, quando irado e acorrentado, era capaz de quebrar as correntes e se livrar (v. 29).

Pelo menos seis eram os transtornos que a possessão satânica infligia ao homem: (1) transtorno de personalidade, no qual sua identidade e individualidade eram consumidas pelos demônios; (2) conduta antissocial, manifestada por sua banição e por viver na reclusão das tumbas, longe da civilização dos seres humanos; (3) percepção espiritual incomum, que o fez reconhecer Jesus como o Filho de Deus e lhe deu uma inteligência espiritual incomum; (4) força sobre-humana que o tornava incontrolável quando métodos normais de controle humano eram usados; (5) tormento por causar àqueles que caíam como suas vítimas agonia constantemente e (6) a tendência de autodestruição, ao ferir-se constantemente com pedras e outros objetos.

Proteção da mente contra a possessão satânica

A influência satânica na mente pode levar as pessoas a fazer coisas inimagináveis. Alguns abandonam o lar, a família, os amigos e os membros da igreja para viver em solidão e isolamento. Alguns demonstram vários tipos de condutas anticristãs. Eles se viciam em substâncias prejudiciais, tais como bebidas alcoólicas e tabagismo. Envolvem-se em pornografia, fornicação e comportamentos efeminados. Alguns com habilidades intelectuais muito boas abandonam os estudos e a busca por uma profissão e pela significativa vocação da vida para se tornar preocupados com buscas sem ambição.

O apóstolo Paulo aconselha a não menosprezarmos a habilidade do demônio e a estarmos armados contra seus ataques espirituais e contra a possessão demoníaca. “Quanto ao mais, sede fortalecidos no Senhor e na força do seu poder. Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes ficar firmes contra as ciladas do diabo; porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes. Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, depois de terdes vencido tudo, permanecer inabaláveis. Estai, pois, firmes, cingindo-vos com a verdade e vestindo-vos da couraça da justiça. Calçai os pés com a preparação do evangelho da paz; abraçando sempre o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do Maligno. Tomai também o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus; com toda oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito e para isto vigiando com toda perseverança e súplica por todos os santos” (Efésios 6:10-18).

“Aqueles que não querem ser presa dos ardis de Satanás devem bem guardar as entradas da alma; devem evitar ler, ver ou ouvir aquilo que sugira pensamentos impuros. A mente não deve ser deixada a divagar ao acaso em todo assunto que o adversário das almas possa sugerir. ‘Cingindo os lombos do vosso entendimento’, diz o apóstolo Pedro, ‘sede sóbrios, [...] não vos conformando com as concupiscências que antes havia em vossa ignorância; mas, como é santo Aquele que vos chamou, sede vós também santos em toda a vossa maneira de viver.’ 1 Pedro 1:13-15. Diz Paulo: ‘Tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisso pensai.’ Filipenses 4:8. Isto exigirá oração fervorosa e incessante vigiar. Devemos ser auxiliados pela influência permanente do Espírito Santo, que atrairá a mente para cima, e habituá-la-á a ocupar-se com coisas puras e santas. E devemos fazer estudo diligente da Palavra de Deus” (*Mente Caráter e Personalidade*, v. 1, p. 107, 108).

O que significa ir a Jesus

“E, quando viu a Jesus, prostrou-se diante dele, exclamando e dizendo em alta voz: Que tenho eu contigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Rogo-te que não me atormentes. Porque Jesus ordenara ao espírito imundo que saísse do homem, pois muitas vezes se apoderara dele. E, embora procurassem conservá-lo preso com cadeias e grilhões, tudo despedaçava e era impelido pelo demônio para o deserto. Perguntou-lhe Jesus: Qual é o teu nome? Respondeu ele: Legião, porque tinham entrado nele muitos demônios” (Lucas 8:28-30).

Ellen G. White diz: “A mente desse mísero sofredor fora entenebrecida por Satanás, mas, em presença do Salvador, um raio de luz lhe penetrara as trevas. Foi despertado, e ansiou a libertação do domínio do maligno; mas o demônio resistia ao poder de Cristo. Quando o homem tentou apelar para Cristo em busca de auxílio, o espírito mal pôs-lhe nos lábios as palavras, e ele gritou em angústia de temor. O possesso compreendia em parte achar-se em presença de Alguém que o podia libertar; mas, ao tentar chegar ao alcance daquela poderosa mão, outra vontade o segurou; outras palavras encontraram expressão por meio dele. Terrível era o conflito entre o poder de Satanás e seu próprio desejo de libertação” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 172).

Quando você vai a Jesus, Ele inicia um diálogo com você que pode dar à sua vida uma orientação nova e diferente. Quando você faz de Jesus seu Amigo, as possibilidades de limpeza, cura, restauração, progresso e êxito são ilimitados. A pessoa que não tem interesse especial em nós, frequentemente faz com que nos sintamos bem. Nossos verdadeiros amigos tendem a nos fazer perguntas difíceis e esperam respostas maduras. Suscitam o melhor em nós. Às vezes somos um tanto mal-agraçados. Nesse encontro, o endemoninhado deve ter percebido que ocorreria uma mudança radical em sua vida. Como o endemoninhado, as pessoas são, às vezes, ambivalentes ao terem de enfrentar mudanças radicais.

Na série *The Preacher's Commentary*, Bruce Larson e Lloyd Ogilvie dizem que depois de Jesus ter ordenado aos demônios para saírem, Ele lhes perguntou o nome, e esta era uma pergunta profunda quanto à sua identidade, semelhante à feita pela

psiquiatria. O homem respondeu de forma perceptiva: “Legião”. Naqueles dias, uma legião era composta por seis mil soldados. Nos tempos bíblicos, a quantidade de demônios que habitava a vítima correspondia ao grau da enfermidade mental. (Maria Madalena estava possuída de sete demônios). O endemoninhado disse que estava possuído por seis mil, o que significava que estava dizendo a Jesus quão enfermo ele realmente estava. Foi essa pessoa esquizofrênica que perdera sua identidade e que existia em muitas personalidades diferentes, solitário e vivendo à margem da sociedade normal, no cemitério, que correu ao encontro de Jesus e que iniciou uma conversação com Ele, resultando em sua cura. Qual é a sua identidade? Quem é você? Quem você diria a Jesus que é?

Às vezes, até o mais estável de nós luta com a questão da identidade. O gênio inventor e arquiteto do governo dos Estados Unidos, Benjamin Franklin, tinha fama de ser muito sovina em sua própria família. Quem era o verdadeiro Ben Franklin? Thomas Jefferson escreveu: “Todos os homens foram criados iguais”, porém, dizem que ele manteve escravos até o dia de sua morte. Qual era o verdadeiro Thomas Jefferson? Tolstoy é reverenciado como um dos grandes escritores cristãos e estadistas de sua época. Porém, sua esposa disse que ele nunca lhe deu uma palavra amável ou um copo com água. Novamente, qual era o verdadeiro Leon Tolstoy? Ainda, o apóstolo Paulo fala em Romanos 7:19, 24 de uma identidade dividida: “Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço. [...] Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?” Parece que todos somos potencialmente esquizofrênicos.

Mas esta é a boa notícia: quando vamos a Jesus, Ele pode revelar nossa verdadeira identidade e não podemos estar tão confusos, ambivalentes e enredados que Ele não seja capaz de nos corrigir, curar e restaurar. Ellen G. White diz: “O endemoninhado, em lugar de uma oração, só pôde proferir as palavras de Satanás; todavia, foi ouvido o mudo apelo do coração. Nenhum grito de uma pessoa em necessidade, embora deixe de ser expresso em palavras, ficará desatendido. Os que consentirem em entrar com o Deus do Céu num concerto, não serão deixados entregues ao poder de Satanás, ou às fraquezas de sua própria natureza” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 174). Jesus foi a resposta aos problemas do endemoninhado. O mesmo Jesus que acalmou a tempestade também é o Aquele que pode curar nossa mente, resolver a crise de identidade, refazer nosso processo de pensamento e pôr-nos alegres na senda segura. Ele pode nos salvar de todas as situações imprudentes nas quais nos metemos. Este Ser Supremo, o próprio Deus, é nosso Amigo. C. Raymond Beran nos faz esta descrição de um amigo:

“Amigo ... é alguém diante de quem você se atreve a ser você mesmo. Você pode desnudar a alma diante dele. Ele lhe pede que você não aparente nada e que seja você mesmo. Ele não deseja que você seja melhor ou pior. Quando está com ele, você se sente como um prisioneiro que é declarado inocente. Você não precisa manter a guarda. Pode dizer o que deseja, sempre em quando seja verdadeiramente você. Ele entende as contradições de sua natureza e que fazem com que os outros o julguem mal. Com ele você pode respirar livremente, pode confessar suas pequenas vaidades, invejas e ódios, sua

mesquinhez e suas besteiras. E ao abri-los diante dele, eles se perdem, dissolvem-se no oceano de sua lealdade. Ele compreende. Você não necessita ter cuidado. Você pode abusar dele, descuidá-lo, tolerá-lo, isso não importa. Ele gosta de você. É como o fogo que purifica até o osso. Ele entende!”

Quando nos avaliamos, podemos nos dar conta de que nunca tivemos um amigo assim, nem tampouco o fomos para outra pessoa, e é por isso que estamos aqui agora. Jesus é esse Amigo! Quando Ele diz: “Conte-Me!”, você pode abrir seu coração e revelar-Lhe sua confusão, pode dizer-Lhe quem você é. Pode dizer: “Fracassei no meu casamento”; “provoquei o afastamento dos meus filhos”; “traí o meu melhor amigo”; “tenho dupla personalidade”; “sou viciado em pornografia”; “sou viciado em sexo”; “luto com tendências homossexuais”; “estou cada vez mais indiferente com os assuntos espirituais”; “sou um mentiroso obsessivo”; “sou viciado em drogas”; “estou obcecado pelos meios sociais de comunicação, por filmes e por todos os tipos de entretenimento agradável e assim não tenho tempo para estudar a Bíblia, para orar e para a adoração pessoal”.

Ao abrirmos o coração a Deus, podemos encontrar integração e nos tornar pessoas felizes, com alguém para amar, algo para fazer e algo pelo que ter esperança.

O resultado de ir a Jesus

“Os porquinhos, vendo o que acontecera, fugiram e foram anunciá-lo na cidade e pelos campos. Então, saiu o povo para ver o que se passara, e foram ter com Jesus. De fato, acharam o homem de quem saíram os demônios, vestido, em perfeito juízo, assentado aos pés de Jesus; e ficaram dominados de terror. E

algumas pessoas que tinham presenciado os fatos contaram-lhes também como fora salvo o endemoninhado.” (Lucas 8:34-36).

A notícia se espalhou como fogo naquele povoado, e os gerasenos se encaminharam para lá, cheios de curiosidade para conhecer, em primeira mão, a história desse homem que vivia entre eles como um lunático, por tanto tempo. Na descrição feita em Lucas desse novo homem, há três ingredientes básicos da saúde e do bem-estar pleno que se aplicam a qualquer idade. O povo encontrou o homem de quem haviam saído os demônios, sentado tranquilamente aos pés de Jesus, vestido e em são juízo. Isso é exatamente do que trata a nova psiquiatria pós-freudiana. Estes três sinais de integridade são: 1) submissão à autoridade; 2) estar vestido; e 3) em são juízo.

Primeiramente, ele estava sentado aos pés de Jesus. Estava agindo responsavelmente sob a autoridade. Já não mais exercia livremente a sua vontade. Isso o deixara doente. Fez o que desejou quando corria freneticamente, tirando a roupa e vivendo como um animal. Agora havia submetido a vida à autoridade de Jesus. A liberdade cristã é um paradoxo. Quando você se submete ao senhorio de Cristo, o Espírito Santo se apossa de sua vida e você é livre. Quando o Espírito Santo vive em você e Cristo é entronizado na sua vida, os demônios não mais podem viver em você. Martinho Lutero disse: “Um cristão é o senhor mais livre sobre todas as coisas e não está sujeito a ninguém. Um cristão é o servo mais obediente de todos e sujeito a todos”. Perdemos nossa liberdade para obter uma nova liberdade.

Em segundo lugar, ele estava vestido – outro indício de bem-estar. Ele já não era desavergonhado. Sua nudez simbolizava a

falta de vergonha, o alardear da rejeição às normas morais e aos absolutos. Essa enfermidade é comum hoje. Muitos dizem que tudo é relativo e que se sentem bem fazendo o que fazem. Porém, sob o senhorio de Jesus, o homem se vestiu com um novo sentido do que é decente e apropriado.

Em terceiro lugar, ele estava em seu são juízo. Via o mundo tal como era e já não era paranoico, crendo que o mundo todo o perseguia. Aqueles que sofrem desses sentimentos devem se lembrar, com a ajuda do Espírito Santo, que a maioria das pessoas no mundo nem mesmo sabe que eles existem. Por outro lado, estar em são juízo significa aceitar o fato de que nem todos no mundo o amam e não irão amá-lo. É possível ter inimigos. Em seu são juízo, o homem que fora possuído de demônios enxergou a vida como ela é.

Conte a sua história

“O homem de quem tinham saído os demônios rogou-lhe que o deixasse estar com ele; Jesus, porém, o despediu, dizendo: Volta para casa e conta aos teus tudo o que Deus fez por ti. Então, foi ele anunciando por toda a cidade todas as coisas que Jesus lhe tinha feito” (Lucas 8:38, 39).

Agora o homem estava tão obcecado por Jesus, que o havia curado, que desejava unir-se a Ele como discípulo e acompanhá-Lo por todas as partes. Mas Jesus tinha outra missão para ele. Enviou-o de volta à sua casa para ministrar e testemunhar. Era um ministério de pessoa a pessoa. Disse-lhe para voltar para casa: “Que a sua família saiba o que foi feito por você. Vá a seus vizinhos e deixe que eles e seus amigos saibam o que o Senhor fez por você. Vá e conte a sua história. Há muitos

lá fora que necessitam se encontrar com o Homem que operou essa mudança em sua vida”.

Jesus deseja que façamos parte do processo total de cura na sociedade e por isso nos envia. Isso é o que significa o reino de Deus. Quando você se converter, ajude a reunir as ovelhas. Há muitos que prestarão atenção em você quando virem a mudança ocorrida na sua vida. Vá e conte a sua história e, ao contá-la, você estará contando a história de Jesus. Foi isso o que Ele fez por mim! Restaurou-me e pode restaurar a sua vida. Esse é o evangelho!

Os jovens adventistas do mudo todo devem se unir para compartilhar essa história maravilhosa. Muito em breve, Jesus, Aquele que cura, restaura, redime e salva, voltará e levará para casa Suas fiéis testemunhas. Você deve estar entre os que farão parte dessa experiência eterna.

Apelo e Oração

Hino Final

Oração

6

Data: Quinta-feira

Tema: Recuperação

Ênfase: Os jovens e o valor

Tópico: Você ficará do lado dEle?

Texto: Lucas 23:32-43

TOPO

Há alguns anos, em uma sexta-feira, estávamos fazendo compras em um mercado urbano e enquanto caminhávamos pela rua comprando alimentos, ouvimos alguém gritando atrás de nós: “Saia da frente! Vá para o lado! Vá para o lado!” Viramos para ver o que estava acontecendo e descobrimos que se tratava de um jovem demente dirigindo freneticamente em uma miragem. Obviamente, seu sistema nervoso perturbado mostrava-lhe que alguém estava em grave perigo. Para ajudar a pessoa a quem ele pensava que corria grave perigo, gritava com todas as suas forças, na esperança de que a pessoa notasse a emergência e se afastasse do perigo. Ao seguir gastando sua energia, tentando evitar que a pessoa fosse vitimada, um homem em seu são juízo lhe perguntou: “Por que você está gritando: ‘Saia da multidão?’ Você está agindo mal! Você tem que avançar com a multidão”. O homem com problemas

mentais, respondeu: “Não, se você avança com a multidão, fica envolvido. Você deve sair da multidão!”

Lucas conta a história do que ocorreu nos últimos momentos da vida de Jesus antes de Sua morte, ressurreição e ascensão. Ele nos dá um vislumbre da turba reunida para aclamar e celebrar a morte dAquele que viera para trazer salvação às pessoas perdidas e agonizantes neste mundo. Ele conta a história de Pilatos, o juiz da suprema corte, e do papel que teve em autorizar essa rejeição. Ele destaca como os soldados romanos executaram orgulhosamente a sua tarefa e a reação de aprovação por parte dos dirigentes do povo. Enfatiza de forma gráfica o comportamento de Jesus ao enfrentar a penosa experiência e não tem como não enfatizar o comportamento dos dois criminosos de cada lado da cruz. Certifica-se de informar aos seus leitores a promessa feita por Jesus aos que estavam morrendo ao Seu lado, a qual se aplica e é relevante aos jovens desta era pós-modernista do século 21. Ao contemplar os detalhes desse resumo, registrado em Lucas 23:32-43, descobrimos sua importância e implicações quanto a despertar a coragem dos jovens adventistas e dos jovens em geral, bem como dos adultos e das crianças, para tomar posição a favor das Escrituras e não ser arrastados pela turba zombeteira.

Lucas diz: “E também eram levados outros dois, que eram malfeitores, para serem executados com ele. Quando chegaram ao lugar chamado Calvário, ali o crucificaram, bem como aos malfeitores, um à direita, outro à esquerda. Contudo, Jesus dizia: Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem. Então, repartindo as vestes dele, lançaram sortes. O povo estava ali e a tudo observava. Também as autoridades zombavam e diziam:

Salvou os outros; a si mesmo se salve, se é, de fato, o Cristo de Deus, o escolhido. Igualmente os soldados o escarneciam e, aproximando-se, trouxeram-lhe vinagre, dizendo: Se tu és o rei dos judeus, salva-te a ti mesmo. Também sobre ele estava esta epígrafe em letras gregas, romanas e hebraicas: ESTE É O REI DOS JUDEUS. Um dos malfeitores crucificados blasfemava contra ele, dizendo: Não és tu o Cristo? Salva-te a ti mesmo e a nós também. Respondendo-lhe, porém, o outro, repreendeu-o, dizendo: Nem ao menos temes a Deus, estando sob igual sentença? Nós, na verdade, com justiça, porque recebemos o castigo que os nossos atos merecem; mas este nenhum mal fez. E acrescentou: Jesus, lembra-te de mim quando vieres no teu reino. Jesus lhe respondeu: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso” (Lucas 23:32-43).

Pilatos

Antes de executar legalmente a crucifixão de Cristo, tanto Herodes, o tetrarca da Galileia e da Pereia, quanto Pilatos, o governador da Judeia, tinham de emitir o decreto. Lucas conta como Pilatos fez com que Jesus fosse levado a Herodes Antipas, porque Jesus era galileu, da jurisdição de Herodes, e Pilatos não havia encontrado culpa em Jesus. De igual forma, Herodes, incerto quanto à inocência de Jesus, enviou-O de volta a Pilatos. Lucas registra como Pilatos afirmou três vezes em favor da inocência de Jesus e assim defendeu tanto Jesus como os cristãos diante do Estado Romano (Lucas 23:4, 14, 22). Pilatos, perturbado e com sentimentos mesclados, tomou uma decisão declarando que não encontrava falta em Cristo. Sua esposa lhe enviou uma mensagem pedindo-lhe que não se metesse com aquele homem justo. Em outras palavras, que não Lhe fizesse

dano. Pilatos sabia o que devia fazer. Sabia que deveria libertá-Lo, mas a turba estava vigilante e determinou que Jesus fosse crucificado.

O que você faz quando sabe o que é certo, mas a multidão ou a maioria o pressiona a fazer o contrário? Você está enfrentando agora esse dilema? A multidão é o seu desafio?

Há um hino cantado pelos *Heritage Singers* que apreciamos muito. Ele diz literalmente assim:

Uma alegria inexplicável enche a minha alma

Desde o dia em que fiz de Jesus meu Rei.

Seu bendito Espírito está guiando o meu caminho.

Ele está me ensinando, e eu estou aprendendo a confiar nEle.

Coro:

Aprendendo a depender,,

Aprendendo a depender,

Estou aprendendo a depender de Jesus,

Encontrando mais poder do que eu já sonhei alguma vez

Estou aprendendo a confiar nEle.

Triste e quebrantado em Seu altar me ajoelhei.

A paz serena encontrei.

E tudo o que Ele pede é a minha confiança infantil,

E um coração que aprenda a confiar nEle.

Há novas vitórias com Ele a cada dia.

A paz serena encontrei.

Ele me ajuda a cumprir meu dever e

Todos os dias aprendo a confiar nEle.

Esse governador era tão fraco, que cedeu às exigências populares da multidão dizendo que O tomassem e crucificassem. Ele é o seu rei (ver João 19:13-16). Ao entregar

Jesus para ser crucificado, Pilatos O declarou Rei, mas a multidão O rejeitou dizendo: “Não temos rei, senão César!” Ao ordenar a inscrição: “JESUS NAZARENO, O REI DOS JUDEUS” e fixá-la na cruz, Pilatos defendeu a posição de Jesus, que significa vitória tanto para Jesus como para todos os cristãos. Não somente escreveu isso, mas também foi contra as objeções dos judeus (João 19:19-21). Em Lucas 23:38, lemos: “Também sobre ele estava esta epígrafe em letras gregas, romanas e hebraicas: ESTE É O REI DOS JUDEUS”. Por motivos políticos e em um ato de covardia, Pilatos trocou o Filho de Deus, que não conheceu pecado, por um dos mais notórios criminosos daquela época. Essa experiência se repete a cada momento e a cada dia quando jovens, crianças e adultos trocam Jesus, o Salvador do mundo, por seus próprios interesses limitados. Jovem, no lugar de quem você se coloca neste momento: de Pilatos, da multidão ou de Jesus?

Os soldados romanos

“Quando chegaram ao lugar chamado Calvário, ali o crucificaram, bem como aos malfeitores, um à direita, outro à esquerda. Contudo, Jesus dizia: Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem. Então, repartindo as vestes dele, lançaram sortes. O povo estava ali e a tudo observava. Também as autoridades zombavam e diziam: Salvou os outros; a si mesmo se salve, se é, de fato, o Cristo de Deus, o escolhido. Igualmente os soldados o escarneciam e, aproximando-se, trouxeram-lhe vinagre, dizendo: Se tu és o rei dos judeus, salva-te a ti mesmo” (Lucas 23:33-37).

O Espírito de Profecia diz: “Os soldados romanos juntaram-se nesses ultrajes. Tudo quanto ímpios, corruptos soldados,

ajudados por Herodes e os dignitários judeus podiam instigar, foi acumulado sobre o Salvador. Todavia, não perdeu Sua divina paciência” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 516). Foram os soldados romanos que pegaram o martelo para cravar as mãos e os pés de Jesus. Foi o soldado romano que feriu o lado de Jesus com sua lança. Foram eles que vigiaram Seu corpo na cruz e que não permitiram que alguém tentasse salvá-Lo. Foram eles que verificaram se Ele estava morto na cruz. Cumpriram satisfeitos a vontade do povo. Eles O pregaram na cruz. Zombaram dEle. Repartiram Suas vestes e apostaram por elas. Ridicularizam-No da mesma forma como os que ajudaram Noé a construir a arca. Deram-Lhe vinagre para beber.

Ao viajar pela estrada I-10, que leva a Louisiana, Estados Unidos, encontra-se um enorme cartaz publicitário que é impossível de não ser visto. Ele está localizado na entrada da cidade, justamente ao se aproximar da ponte do rio Mississipi. O cartaz mostra Jesus Cristo pendendo da cruz do calvário, com o rosto inclinado. A mensagem em letras grandes diz: “O próximo passo é seu”. Não há como esse pensamento ser mais poderoso. Deus, por meio de Jesus Cristo, já tomou a iniciativa da nossa salvação. Jesus morreu por você. O próximo passo é seu!

Os governantes e a multidão

O Espírito de Profecia diz: “Ao ser proferida pelos juízes a condenação de Jesus, uma fúria satânica apoderou-se do povo. Os gritos assemelhavam-se ao rugido de feras. A multidão precipitou-se para Jesus, bradando: É culpado, seja morto! Não fossem os soldados romanos, e Jesus não teria vivido para ser pregado na cruz do Calvário. Teria sido despedaçado perante os

juízes, não houvesse a autoridade romana interferido, restringindo, pela força das armas, a violência da turba” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 503).

O costume dos governantes dos dias de Cristo era pôr em liberdade um prisioneiro escolhido pelo povo durante a festa da Páscoa. O escolhido pelo povo era posto em liberdade. Os líderes judeus persuadiram a multidão reunida em volta da sala de julgamento a pedir a libertação de Barrabás e a exigir a crucificação de Jesus. Quando Pilatos perguntou à turba a quem ele deveria libertar, a Barrabás ou a Jesus, eles gritaram que a Barrabás. Quando lhes perguntou o que deveria fazer com Jesus, a turba gritou: “Crucifica-O! Crucifica-O!” Por ordem de Pilatos, Jesus foi crucificado e a multidão e os líderes celebraram e se alegraram sumamente.

Que ironia, pois enquanto os líderes e a vasta multidão se uniram ao festejo, às zombarias e aos escárnios, sobre a cabeça de Jesus, em letras grandes, podia-se ler: “Rei dos judeus”. Ele era seu Rei, porém eles não O reconheceram. Ele era o seu provedor, mas eles não entenderam. Ele era o seu Salvador, mas eles não compreenderam. Era Aquele que tinha as chaves para sua vida, para sua prosperidade, êxito e futuro, porém, não O compreenderam e escarneceram dele. Como uma dízima periódica, a diversão continua até hoje. As pessoas celebram o nascimento de Cristo, no Natal, com tudo o que lhes agrada, menos o que agrada a Ele. Todos os assentos nas salas de celebração estão ocupados, mas nenhum foi provido para Ele, visto que não foi convidado, embora seja Ele quem está sendo celebrado. A multidão e os governantes O rejeitaram. Qual é a sua resposta? É necessário ter coragem para ficar do lado dEle,

na disfunção cultural em que vivemos, onde tudo é relativo e a moral nada significa além de uma escolha individual.

Jesus, O crucificado

O sumo sacerdote ordenou que Jesus fosse posto entre os dois criminosos. Ellen G. White diz: “A posição de Cristo entre os ladrões indicava ser Ele o maior criminoso dos três. Assim se cumpriu a escritura: ‘Foi contado com os transgressores’. Isaías 53:12. A inteira significação de seu ato, porém, não viram os sacerdotes. Como Jesus crucificado com os ladrões, foi posto ‘no meio’, assim foi Sua cruz colocada no meio de um mundo a perecer no pecado” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 531). Qual seria a sua reação se você tivesse sido pregado em uma cruz, sendo inocente, como Jesus foi, especialmente sabendo que sua missão era em benefício dos que o estavam crucificando? Como você teria reagido diante dos que cometeram a ofensa? Muitos estariam esperando o momento de se vingar deles. Os culpados seriam obrigados a pagar o preço de seus atos cruéis de opressão, rejeição e sofrimento.

Como Jesus lidou com isso? Ele disse aos Seus verdugos e aos que O escarneciam: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lucas 23:34). Era apropriado que oferecesse perdão, porque para esse fim Ele viera. Porém, a turba não conseguia compreender o significado de Sua declaração. Era algo característico dEle, sendo que em inúmeras ocasiões, durante Seu ministério de cura, comprovou Sua capacidade de perdoar pecados. Ele ensinou que o perdão somente pode ser obtido por aqueles que perdoam aos demais (Lucas 6:37; 11:4). Ensinou também que o perdão não tem limites (17:4). Era Seu estilo de vida pedir às pessoas que amassem os seus inimigos

(6:27, 28). Ali na cruz, Ele estava pondo em prática Seus próprios ensinamentos. Ele os viu quando dEle escarneciam e riam, ao açoitá-Lo e crucificá-Lo, e pediu ao Seu Pai, que também era Pai deles, que os perdoasse.

Seu clamor por perdão estava baseado em duas premissas. Em primeiro lugar, Ele amava os Seus inimigos, e, em segundo lugar, eles eram ignorantes. Nem os judeus nem os romanos que O acusaram e executaram se deram conta da total gravidade de suas ações. Os judeus estavam buscando proteger seu sistema religioso dAquele que consideravam um ofensivo novato que os afastava das multidões. Por outro lado, os romanos, na pessoa de Pilatos, estavam protegendo seu território político contra Alguém que proclamava que o reino de Deus estava às portas. Os dois grupos agiram defensivamente ao colocarem seus próprios interesses e instituições políticas e religiosas à frente da justiça. Isso lhes cegou os olhos e a mente, e eles não se deram conta de que estavam executando o inocente Salvador, o Filho de Deus que viera para salvá-los de seus pecados.

Assim como Ele pronunciou o perdão sobre os que O executaram, Ele também oferece gratuitamente o perdão, agora, a cada jovem, criança e adulto que vive no século 21. Jesus demonstrou que perdoaria os crimes mais atrozes sempre e quando as pessoas estivessem dispostas a aceitar Seu perdão. Na verdade, nada que fizemos pode impedir que tenhamos acesso a esse perdão divino se, humilde e penitentemente, o pedirmos agora.

A cruz

Ao viajarmos pelo mundo inteiro, nas praças, nos pequenos povoados e nos grandes centros cosmopolitas uma das

características comuns que encontramos é um monumento. Esses monumentos comemoram a liberdade, a libertação, a emancipação, a vitória, a soberania, a conquista, o triunfo, o êxito, os atos de heroísmo, e são símbolos de unidade, união e força. Maliciosamente, os judeus e os romanos se uniram em amizade e coesão para dar a Jesus um dos tipos de morte mais grosseira, vergonhosa e degradante – a morte de cruz. Mas Ele venceu e transformou a imagem da cruz, de uma vergonha, derrota e morte, em um símbolo de vitória e redenção.

Não é raro encontrar muitos jovens, crianças e adultos usando uma cruz de ouro, de prata, bronze, madeira ou de outros materiais ao redor do pescoço ou em outras partes do corpo. Alguns até mesmo tatuam a cruz no corpo. Para muitos, essa não é uma comemoração da vitória que tiveram em Cristo, mas um amuleto de boa sorte ou uma lembrança de alguma personalidade, de um desejo ou experiência.

De igual forma, no mundo inteiro, cruzeiros são erigidas em honra e glória desse Cristo que sofreu tal indignidade ao tomar sobre Si a morte que nós deveríamos ter sofrido, a fim de que tivéssemos vida. Jesus sofreu as zombarias e escárnios na cruz e sofreu a atroz e humilhante dor física e separação emocional de Seu Pai, quando exclamou: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” Hoje a cruz é um símbolo de tudo isso, porém, acima de tudo, é símbolo da libertação do pecado e da vitória sobre a morte, o sofrimento e a derrota que Ele ganhou para todos os jovens do mundo e todos os outros.

Os ladrões na cruz

Os dois criminosos, em suas respectivas cruzeiros, pecaram e foram justificadamente sentenciados. Um se uniu à turba

escarnecedora, porque queria fazer parte dessa multidão e desejava que todos soubessem que ele não estava associado a Jesus. Como muitos de nós, ele não respondeu ao amor de Deus, não se arrependeu nem aceitou fazer uma mudança. Porém, o outro foi reflexivo. Não se permitiu ser influenciado pela popularidade e pela pressão da multidão. Para ele, a morte era iminente e, por precaução, se houvesse algo certo e justo sobre Jesus, ele estava disposto a se arriscar em vez de perder a possibilidade da vida eterna. Foi um ato de coragem da parte dele.

Dante diz que as partes mais quentes do inferno estão reservadas para aqueles que se mantêm neutros em um período de crise moral. Robert Kennedy disse: “Poucos homens estão dispostos a afrontar, com valentia, a desaprovação de seus semelhantes, a censura de seus colegas e a ira da sociedade. O valor moral é um bem mais raro do que a valentia na batalha ou do que uma grande inteligência; porém, é a qualidade mais essencial e vital daqueles que procuram mudar o mundo que cede com dolorosa dificuldade a mudança”. O ladrão à direita de Jesus demonstrou coragem, repreendeu seu companheiro e não compartilhou de seu ponto de vista. Confessou e admitiu seus erros. “Você não tem o temor de Deus? Daqui a algumas horas você e eu estaremos mortos”, ele disse. “Nós, na verdade, merecemos o castigo, mas este homem está sendo executado, embora seja inocente. Você não ouviu o que os soldados disseram a respeito de todo o julgamento e que Pilatos não encontrou culpa nEle?” Então ele se voltou para Jesus e disse: “Senhor, eu creio em Ti! Lembra-Te de mim quando estabeleceres o Teu reino” (ver Lucas 23:40-42).

A promessa

“E ele lhe disse: Deveras, eu te digo hoje: Estarás comigo no Paraíso” (Lucas 23:43, Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas). Não há tempo para neutralidade ao responder a essa promessa do Salvador. A promessa de Jesus feita na cruz para o arrependido foi triunfo e vitória. Ele venceu! A promessa era um título de propriedade de sua libertação das garras do inimigo. Para todos os que se colocam ao Seu lado a promessa é também uma garantia de libertação, um código de acesso que abre a porta da glória através da qual terão acesso à vitoriosa eternidade. Esta promessa é uma gloriosa boa notícia aos jovens, adultos e crianças de que eles também são vencedores em Jesus. Se tão-somente se colocarem ao Seu lado e saírem da multidão, a vitória sobre cada pecado, tentação, ameaça e juízo, assim como sobre toda a debilidade humana, está garantida em Cristo, e Sua promessa é o título de propriedade. Você ficará ao lado de Jesus?

Apelo e Oração

Hino Final

Oração

7

Data: Sexta-feira, 27 de março de 2015

Tema: Recuperação

Ênfase: Os jovens e o perdão

Tópico: Cumprimento do sonho

Texto: Gênesis 37

TOPO

Orville era um ambicioso membro da igreja que amava a música. Ele tocava muito bem a guitarra e o teclado e tinha muito interesse pelos instrumentos de percussão. Porém, sua igreja era muito conservadora e cria que não deveriam ser usados instrumentos de percussão nos cultos religiosos. Assim, ele não podia utilizar essa habilidade na igreja. Não obstante, visto que ele sabia tocar moderadamente a bateria nos cultos religiosos, vez por outra ele recebia o convite de alguma igreja próxima para tocar no culto. Sua igreja tinha muitos jovens e um ministério juvenil ativo – os programas de Aventureiros, Desbravadores, Embaixadores e de JA. Orville dirigia muitas dessas atividades.

Ele também se destacou no aspecto acadêmico, visto que era muito inteligente, comprometido com a tarefa e orientado para o êxito. Devido a tudo isso, muitos de seus colegas pensavam que ele era orgulhoso e se opunham o máximo que podiam àquilo

que ele buscava realizar. Encontravam faltas nele, queixavam-se de que tocava bateria e buscavam colocar os outros contra ele. Sempre havia uma queixa negativa contra ele. Ao mesmo tempo, tudo o que ele fazia na igreja era bem feito. Devido às reclamações constantes, seu serviço na igreja se tornou menos e menos destacado, visto que as pessoas em posições de liderança se desanimaram de pedir-lhe para participar nas atividades. Finalmente, ele se tornou inativo e pessoas menos talentosas que ele, especialmente aqueles que se lhe opunham, assumiram os papéis que desempenharam com muito menos eficiência. Embora consciente da evidente rejeição, ele continuou frequentando a igreja, mas por fim se tornou mais e mais ativo na igreja onde, normalmente, era convidado para tocar os instrumentos de percussão. Com o passar do tempo, ele foi nomeado ancião dessa igreja. Finalmente, desenvolveu e fomentou o interesse pelo ministério pastoral. Hoje, Orville é um pastor de êxito como diretor do Ministério Jovem de sua associação.

Experiências como a de Orville se repetem no mundo inteiro, tanto nas organizações religiosas quanto nas seculares. Os resultados nem sempre são os mesmos, visto que alguns se tornam desertores e fugitivos, enquanto outros nadam contra a correnteza e conseguem obter êxito. Dizem que os professores de Thomas Edison lhe disseram que ele era “muito burro para aprender alguma coisa”. Porém, Edison registrou mais de mil patentes e inventou alguns aparelhos que mudaram a vida do mundo como o fonógrafo, a lâmpada elétrica e a câmara de cinema. Há milhares de jovens que estão fora da fé hoje devido a rejeição, ciúmes e profecias negativas, enquanto outros

permanecem a despeito dessas reações negativas contra eles. Há alguns na fé que lutam com as escolhas que fizeram e que devem ser feitas. Ao mesmo tempo, alguns estão no processo de esperar o tempo mais oportuno para deixar a igreja.

Alguns jovens se encontram em lugares onde não deveriam estar se a sua recepção na igreja fosse mais flexível ou complacente. Alguns dos que hoje lutam com seu vício em sexo, pornografia, embriaguez, tabaco, consumo de drogas, mentira e até mesmo roubo, culpam alguém por havê-los influenciado nessa direção. Os efeitos da rivalidade entre os irmãos e o descontentamento entre os pais também são fatores que contribuem para as indesejáveis escolhas e seus resultados negativos enfrentados por muitos jovens hoje.

No ano passado, foi feita uma pesquisa com relação aos desafios enfrentados pelos jovens em nossos dias. Aproximadamente 24% dos jovens respondentes disseram que o rompimento familiar era o assunto mais urgente enfrentado por sua geração. A pressão por parte dos colegas e amigos têm levado muitos a brincar com a tentação do suicídio, e muitos passam por depressão. A falta de confiança e a baixa autoestima influenciadas pelos efeitos negativos da conduta dos outros levam muitos jovens a considerar-se como pessoas sem valor, a desenvolver um sentimento de desesperança, a se tornar confusos e ambíguos quanto a questões morais e a questionar: *O que é certo e o que é errado?*

Algumas pessoas questionam por que focamos a atenção nos aspectos negativos com tanta frequência. A verdade é que essas são realidades da vida que não podem ser ignoradas. Porém,

enquanto contemplamos tantos negativos, há também abundância de pontos positivos que celebramos e pelos quais agradecemos ao Senhor. Como Orville, há muitos jovens na fé que se mantiveram firmes em sua prova e que têm histórias para contar e animar a outros com respeito a que o fracasso não é uma opção para eles. Jovens, ao enfrentarem os desafios da vida, tanto na família quanto na igreja e na sociedade em geral, nunca se esqueçam de amar ao Senhor, amar a sua igreja e de seguir a missão dela. Independentemente de quais sejam os obstáculos e tentações, até onde for possível, amem a sua família, amem os membros da igreja e amem as pessoas. Lembrem-se sempre de que a fé, o valor, a oração, o estudo da Palavra e um sólido relacionamento com o Senhor são poderosas ferramentas de sobrevivência em um mundo, igreja, família e sociedade infestados por compromissos, ressentimentos, ódio e inveja.

O que você faria se estivesse em uma situação como a de José?

José, o sonhador

A Bíblia nos dá algumas informações a respeito de fatores durante a adolescência de José como adolescente que influenciaram seu desenvolvimento e sucesso. Seus irmãos o odiavam devido ao carinho excepcional que recebia de seu pai. Sem dúvida, o manto colorido foi a gota d'água na situação (Gênesis 37:3). “Vendo, pois, seus irmãos que o pai o amava mais que a todos os outros filhos, odiaram-no e já não lhe podiam falar pacificamente. Teve José um sonho e o relatou a seus irmãos; por isso, o odiaram ainda mais” (Gênesis 37:4, 5).

Ao contar o sonho aos irmãos, eles perceberam que ele dominaria sobre eles e não podiam conceber a ideia de se verem submetidos à supremacia do irmão mais novo. Não reconheceram que José era um instrumento no processo de construção da parte do Senhor para cumprir um grande propósito e que aquilo que ele se tornaria dependia, em grande parte, do trabalho que eles lhe dessem.

José já estava comprometido e profundamente arraigado nos princípios de retidão, verdade, trabalho bem feito e fé quando completou dezessete anos. O dia em que contou o sonho sobre os feixes que se inclinavam diante do seu foi o ponto crucial que encheu de ira os irmãos e que lhes despertou o interesse. Sem rodeios, eles lhe perguntaram: “Reinarás, com efeito, sobre nós? E sobre nós dominarás realmente?” (v. 8) Seu segundo sonho não contribuiu em nada para acalmar-lhes a ira e ainda ofendeu a seu pai, que disse: “Que sonho é esse que tiveste? Acaso, viremos, eu e tua mãe e teus irmãos, a inclinar-nos perante ti em terra?” (v. 10). Aos 17 anos, José pode ter tido falta de tato, mas não estava longe da verdade. Não comprometeu nenhum princípio nem deixou de declarar sua convicção e revelações que lhe foram dadas.

Cinco motivos específicos por que os irmãos o odiavam: 1) ele informava o pai sobre a má conduta deles no trabalho; 2) seu pai o amava mais do que a eles; 3) ele recebeu um manto especial de seu pai; 4) José contou dois sonhos especiais que tivera; e 5) a interpretação desses sonhos, aparentemente, significavam que ele reinaria sobre eles. Talvez sua experiência não seja tão dramática quanto a de José, mas há membros em sua família, pessoas na escola, no trabalho, na comunidade ou na igreja que

não gostam de você e o consideram uma pessoa desagradável? Você se identifica com José? Você teve um sonho? A rejeição dos colegas ou dos membros da família ou da igreja pode influir para que você não realize seus sonhos. Muitos jovens preferem fritar seu cérebro usando drogas, mesmo sabendo dos perigos, em vez de arriscarem a desaprovação dos outros. José estava nessa idade em que precisava de aceitação. Porém, a popularidade, a amizade ou mesmo a pressão de seus irmãos não o levou a vacilar.

Efeitos da rejeição dos colegas

Quando José foi para Dotã, a pedido do pai, para se encontrar com seus irmãos, ficou evidente o nível de rejeição dos irmãos. “De longe o viram e, antes que chegasse, conspiraram contra ele para o matar” (v. 18). O ódio e a inveja já tinham amadurecido, e eles se tornaram frios e obsessivos. Eles puseram em andamento o plano deliberado de executar um assassinato premeditado. O Espírito de Profecia diz: “Seus irmãos viram-no aproximar-se; porém nenhum pensamento da longa viagem que fizera para os encontrar, de seu cansaço e fome, do direito à sua hospitalidade e amor fraternal, abrandou a amargura de seu ódio. A vista da capa, sinal do amor de seu pai, encheu-os de agitação” (*Patriarcas e Profetas*, p. 145).

Vestido com sua esplêndida túnica que anunciava favoritismo e que provocava hostilidade, José se dirigiu às experiências incrivelmente estressantes em Dotã. A pressão negativa e a rivalidade dos irmãos, bem como a pressão imprudente de seu pai, tudo isso contribuiu para esse acontecimento indesejável. Ele escapou com vida somente porque Rúben, um dos irmãos, interveio com um plano deliberado para salvar o irmão mais

novos. Poupan-lhe a vida e alterou o plano dos irmãos. Mesmo assim, os irmãos lhe tiraram a túnica e o lançaram em uma cisterna vazia. Que incrível que, depois desse ato, os irmãos se assentaram tranquilamente para comer. A tortura, o abandono e a crueldade implacável se somaram agora à rejeição e ao ódio. Ele então se converteu em uma mercadoria que trouxe fama aos mercadores que o compraram e que o revenderam no Egito.

Não apenas José sofreu, mas também seu pai quando lhe trouxeram as trágicas notícias. “Então, tomaram a túnica de José, mataram um bode e a molharam no sangue. E enviaram a túnica talar de mangas compridas, fizeram-na levar a seu pai e lhe disseram: Achamos isto; vê se é ou não a túnica de teu filho” (v. 31, 32). Como era de se esperar, o idoso pai reconheceu a túnica, assumiu o pior “e se cingiu de pano de saco, e lamentou o filho por muitos dias. Levantaram-se todos os seus filhos e todas as suas filhas, para o consolarem; ele, porém, recusou ser consolado e disse: Chorando, descerei a meu filho até à sepultura. E de fato o chorou seu pai” (v. 34, 35). Entrementes, José seguia seu caminho para o Egito, onde por fim foi vendido a “oficial de Faraó, comandante da guarda” (v. 36).

Quando você sofre e enfrenta rejeição, crueldade, ódio e rancores, o Pai Celestial sofre com sua dor e conhece sua agonia. Assim como José se aferrou a seus sonhos durante a mais dura e incapacitante etapa de sua vida, apegue-se a seus sonhos! A mão da providência, que guardou a vida dele, o tirou do poço e o levou ao mercado de escravos no Egito, e também ao calabouço, o levará também são e salvo.

As mãos divinas por trás das cenas

Jovens, quando vocês enfrentarem hoje as lutas da vida, tenham a certeza de que nada lhes ocorrerá sem que o Senhor tome conhecimento. Brisco e Ogilvie dizem: “Deus não desculpa Seu povo por viver em um mundo pecaminoso. Porém, tampouco Ele o abandonou em suas lutas.” Através de todas as lutas de sua vida, Ele tem um propósito para você, e se você permanecer fiel, por fim, Ele o levará aonde deseja que você esteja. Somos estrangeiros e peregrinos aqui no mundo. Esse não é o nosso lar. O verdadeiro lar está a caminho. Que seu sonho seja se encontrar com Cristo nas nuvens de glória e ser levado à mansão que Ele está preparando para você. Apegue-se aos seus sonhos! Quando prometeu a terra de Canaã a Abraão, Deus lhe disse: “Sabe, com certeza, que a tua posteridade será peregrina em terra alheia, e será reduzida à escravidão, e será afligida por quatrocentos anos” (Gênesis 15:13). O Egito era essa terra que não lhes pertencia, e a história se repete uma e outra vez sobre como eles foram escravizados e sofreram nessa terra. A providência de Deus transformou a adversidade no cumprimento da promessa. As experiências de José no Egito foram o método de Deus no cumprimento de uma grande promessa.

Deus sabia que ir ao Egito não acabaria com o sofrimento de José. Porém, ele já planejava não apenas um grande livramento para ele, mas também para todos os descendentes de Abraão. Deus sabe que o fato de nos tornarmos adventistas não põe fim ao sofrimento e aos sentimentos de rejeição e abandono. Não seremos perfeitos, imediatamente, e nossas dúvidas, tentações, problemas, temores e cuidados não serão eliminados para sempre. Jovens, nunca percam de vista o fato de que o lugar

onde vocês estão não é o lugar aonde vocês estão indo. Apeguem-se aos seus sonhos. A história de José demonstra a forma como os misteriosos caminhos de Deus estão tecidos em meio a todas as maquinações e astúcias da humanidade e que Ele, por fim, triunfará e Seu propósito para nossa vida prevalecerá. José compreendeu isso, mesmo como um adolescente, e, conseqüentemente, teve a força necessária para perseverar até o fim.

José no Egito

O relato da história de José é um dos grandes clássicos das Escrituras que devem motivar os jovens do mundo inteiro a permanecer do lado do Senhor e a se apegar aos seus sonhos. Cruelmente traído, lançado em uma cisterna e vendido como um animal por seus próprios irmãos, ele chegou ao Egito aos dezessete anos. Sem família, sem amigos, sem os membros da igreja e sem ter com o que se manter. “José foi levado ao Egito, e Potifar, oficial de Faraó, comandante da guarda, egípcio, comprou-o dos ismaelitas que o tinham levado para lá” (Gênesis 39:1). Muitos teriam entrado em desespero, ficado deprimidos ou até mesmo se suicidado diante dessas circunstâncias, mas José não!

José não se esqueceu de seus sonhos. Essa consciência fundamental de seus objetivos, combinada com sua íntima relação com Deus, foi o fator essencial no desenvolvimento de sua capacidade de avançar, a despeito das condições em que se encontrava. Ellen G. White diz: “Chegando ao Egito, José foi vendido a Potifar, [...] a cujo serviço ficou durante dez anos. Ali foi exposto a tentações nada triviais. Estava em meio da idolatria. O culto aos deuses falsos era rodeado de toda a pompa

da realeza, apoiado pela riqueza e cultura da nação mais altamente civilizada então existente. José, todavia, preservou sua simplicidade e fidelidade para com Deus” (*Patriarcas e Profetas*, p. 148).

“O SENHOR era com José, que veio a ser homem próspero; e estava na casa de seu senhor egípcio. Vendo Potifar que o SENHOR era com ele e que tudo o que ele fazia o SENHOR prosperava em suas mãos” (Gênesis 39:2, 3).

Não tardou para Potifar notar que assim que esse jovem assumiu o comando, tudo em sua casa e negócios prosperou. Ele ficou tão impressionado com as habilidades de José, que deixou toda a sua casa sob a responsabilidade dele. Com o passar do tempo, a providência de Deus guiou José até se tornar o conselheiro do mais alto oficial do governo do Egito, o Faraó. “Agora, pois, escolha Faraó um homem ajuizado e sábio e o ponha sobre a terra do Egito” (Gênesis 41:33). A pergunta de Faraó foi: “Onde encontrarei um homem assim, que dirija com integridade e valor?” Ele não vacilou. Sabia quem era o homem necessário e disse: “Acharíamos, porventura, homem como este, em quem há o Espírito de Deus?” (v. 38). José era esse homem e foi feito governador do Egito.

Decorreram 13 anos desde que ele deixara seu lar. Ele passou por desgostos, traição, êxitos e frustrações. Não obstante, nada se compara com sua elevação meteórica do cárcere ao posto de “governador da terra” (Gênesis 42:6). Que tremendo peso de responsabilidade recaía sobre esse líder de apenas 30 anos! A chave para seu êxito se encontra no capítulo 42, verso 18: “eu temo a Deus”.

Cumprimento do sonho

A emergência da fome sofrida em todas as partes levava ao Egito pessoas de várias nações para comprar alimentos, sob a supervisão do governador José. Seus irmãos estavam entre os que tiveram de enfrentá-lo. Durante dois anos José conseguiu esconder sua identidade e relacionar-se com eles como um estranho. Mas chegou o momento no qual José tinha todas as cartas na mão e podia jogar da forma que desejava. Seus irmãos estavam totalmente à sua mercê e felizmente para eles a misericórdia foi o que ele concedeu. “Disse José a seus irmãos: Agora, chegai-vos a mim. E chegaram-se. Então, disse: Eu sou José, vosso irmão, a quem vendestes para o Egito. Agora, pois, não vos entristeçais, nem vos irriteis contra vós mesmos por me haverdes vendido para aqui; porque, para conservação da vida, Deus me enviou adiante de vós” (Gênesis 45:4, 5). O mais surpreendente de sua atitude é que ele se recusou a colocar qualquer culpa sobre os irmãos, mas apenas quis que eles entendessem que a mão de Deus estava claramente evidente em sua vida.

Desejava que vissem que Deus o havia enviado ao Egito e que o havia tornado governador para trazer uma grande bênção. É compreensível que os irmãos tenham tido dificuldade para compreender essas dramáticas revelações. Não apenas o seu irmão reaparecia repentinamente, depois de tantos anos, expondo-lhes o segredo amplamente ocultado; mas seus sonhos estavam se cumprindo. “Depois, vieram também seus irmãos, prostraram-se diante dele e disseram: Eis-nos aqui por teus servos” (Gênesis 50:18).

Perdão

José perdoou seus irmãos e os animou a não ficarem tristes e a não brigarem entre si. Ele pôde fazer isso porque sabia que o Soberano Senhor estava no controle. Ele lhes disse: “*vocês me venderam*”, e então os fez lembrar: “*Deus me enviou*”. Isso não diminuía a responsabilidade deles, mas, ao mesmo tempo, o Senhor nunca perdeu o controle da situação.

Devemos aprender, por experiência, que ignorar a soberania divina é arrogância, mas ignorar a responsabilidade humana é uma grande irresponsabilidade. José continuou dizendo a seus irmãos: “Deus me enviou adiante de vós, para conservar vossa sucessão na terra e para vos preservar a vida por um grande livramento” (Gênesis 45:7). Convidou-os a explorar as formas maravilhosas pelas quais o Senhor atua e a como o conhecimento de Deus pode combater a amargura e substituí-la pela doçura.

“Assim, não fostes vós que me enviastes para cá, e sim Deus, [...]” (v. 8). É duvidoso que haja alguém culpado que tenha ouvido palavras mais agradáveis que essas. A vítima de sua incrível maldade, que tivera a vida em suas mãos, agora lhes estava oferecendo perdão total e gratuito. Se ainda permanecia alguma dúvida, ela desapareceu totalmente quando José “beijou a todos os seus irmãos e chorou sobre eles; depois, seus irmãos falaram com ele” (v. 15). Desconhecemos os detalhes, mas não é necessário ter muita imaginação para vê-los, inicialmente, tremendo de medo diante de sua culpa para então compreenderem o belo espírito de perdão de seu irmão e derramarem sua gratidão diante dele por sua graça e misericórdia.

Que belo final! Ele disse aos irmãos para irem até seu pai e dizer-lhe para vir a ele. Eles deveriam trazer todas as suas

posses e pertences para vir e viver na terra de Gósen. José os apresentou a Faraó e a todos os seus assistentes e os enviou com abundância de alimentos, roupas e dinheiro (45:22). Por fim, quando Jacó morreu, os irmãos ainda temiam as represálias, mas José lhes disse: “Não temais; acaso, estou eu em lugar de Deus? Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem, para fazer, como vedes agora, que se conserve muita gente em vida. Não temais, pois; eu vos sustentarei a vós outros e a vossos filhos. Assim, os consolou e lhes falou ao coração” (Gênesis 50:19-21).

Jovem, você está magoado neste momento? A culpa é do pastor ou do ancião? A culpa é de algum membro adulto da igreja ou de algum de seus colegas? De quem? Dos seus pais ou de algum de seus irmãos? Talvez do seu cônjuge ou de alguém de fora da igreja ou de um parente?

José foi rejeitado, abandonado e exilado por seus irmãos. Da casa de seu pai ao calabouço no Egito, ele sofreu por sua integridade. Não obstante, ele perdoou porque o Senhor estava com ele. Se você pudesse ter um vislumbre das cortes celestiais, veria Jesus com os braços abertos, juntamente com os anjos, chamando-o e lhe dizendo: “Perdoador! Perdoador! Perdoador!”

Com os sonhos em sua mente, perdão no coração e tendo o Senhor como seu guia, anime-se! Faça o que tiver que fazer, lembrando-se sempre que o choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã.

Apelo e Oração

Hino Final Oração

8

Data: Sábado

Tema: Recuperação

Ênfase: Os jovens e a liderança

Tópico: Construtor da Esperança

Texto: Neemias 1:1-11

TOPO

Introdução

I. Onde você tem colocado seu coração? Como que você gosta de sonhar?

Seus pensamentos

Neemias estava no exílio, em uma boa condição, mas seu coração estava em Jerusalém.

a. Temos que ter nossos pensamentos, planos e sonhos ligados ao sucesso e crescimento da igreja.

b. Devemos fazer as perguntas: “Ihes perguntei” (Neemias: 1:2).

Como vai?

Como está indo?

Como estamos?

Faça a pergunta e espere a resposta.

c. Pensamento de George Bernard Shaw: “O pior pecado que podemos cometer contra outros seres humanos não é odiá-los, mas sim ser indiferentes a eles; essa é a essência da desumanidade”.

d. A menina dos olhos de Deus é sua igreja: “Testifico aos meus irmãos e irmãs que a Igreja de Cristo, por débil e defeituosa que seja, é o único objeto sobre a Terra a que Ele confere Sua suprema atenção” (*Testemunhos para Ministros e Obreiros Evangélicos*, p. 15). Pense no que Deus pensa.

Sonhe com o que Deus sonha.

Lute pelo que Deus luta.

Ame o que Deus ama.

Dê atenção ao que Deus dá atenção.

e. Num dia qualquer... Mês Quisleu – meados novembro ou dezembro de 444 AC.

Um dia pra mudar a história.

Foi num dia qualquer que:

Foi num dia qualquer que Moisés saiu como pastor de ovelhas e voltou com um chamado para o Egito.

Foi num dia qualquer que Davi saiu para o trabalho do curral e

voltou com o caminho aberto para o trono de Israel.

- Num dia como qualquer outro que Tiago, André, Pedro e João estavam consertando suas redes e Jesus os chamou para serem pescadores de homens.
- Nunca sabemos o que Deus tem reservado para nós.
- Numa noite, numa igreja, num acampamento, num congresso, numa reunião de pequenos grupos, pode vir um chamado.
- Deus chamou Neemias porque ele via os buracos de Jerusalém.
- Deus chama pessoas que conseguem ver o que precisa ser visto.

II. Ver o que Deus vê. “Estejam, pois, atentos os teus ouvidos, e os teus olhos, abertos” (Neemias 1:6). a. Neemias conseguia ver o que Deus via. Ele conseguia ver o que Deus queria que fosse visto.

Deus escolheu quem quis.

Isaque, não Ismael. Viu o altar sem cordeiro.

Jacó, não Esaú. Lutou com Deus.

Davi, não Jônatas (e Jônatas reconheceu isto – 1 Samuel 23:17).

Viu Golias.

Salomão, não Adonias. Pediu sabedoria.

Pedro, Tiago e João, não os outros 9 discípulos, viram Jesus transfigurado.

b. O que Deus vê agora? Existe muita coisa que eu estou enxergando, mas o que Deus vê agora?

O que Deus está vendo nos relacionamentos dos jovens?

O que Deus está vendo nos casamentos dos membros da igreja?

O que Deus está vendo na igreja, que eu não consigo ver?

Será que há algum jovem em ruína, algum casamento em desgraça ou alguma igreja em desprezo?

Será que alguém está conseguindo enxergar o que Deus está vendo?

c. Poder para fazer uma transformação. Deus vê os jovens em ruína.

Deus vê um casamento arruinado.

Deus vê gente vivendo em miséria espiritual.

“Deus dá poder para quem consegue ver as necessidades do povo”.

d. Poder para algo que é necessário. Muros precisam ser reconstruídos.

Deus precisa renovar os casamentos.

Deus precisa renovar a juventude.

**Deus precisa renovar o lar e restaurar a fidelidade.
Ele quer dar Poder para esta obra de renovação.**

“Quando alguém vê claramente o dever, não tome a liberdade de ir a Deus com oração para que possa ser dispensado de cumpri-lo. Antes, deve com espírito humilde e submisso, rogar força e sabedoria divina para satisfazer as exigências desse dever” (Patriarcas e Profetas, p. 441).

III. Chorar pelo que Deus chora.

Neemias 1:4: “Tendo ouvido estas palavras, chorei”.

a. As emoções fazem parte das pessoas, elas sempre nos alcançam.

b. Pelo que você chora?

c. Algumas coisas ruins têm feito as pessoas chorarem. Um filme

Um programa de televisão.

A perda de um namorado.

A morte de um animal.

Devemos sentir as coisas, mas elas revelam um pouco sobre o nosso caráter. Devemos ter emoções e em certos momentos, a vida pode nos fazer chorar, mas quando só choramos no enredo de um filme ou na morte de um animal ou até por ter perdido algo precioso e não conseguimos chorar por pessoas

perdidas, lares desfeitos, vidas em ruína, então alguma coisa está errada.

d. Há coisas que são secundárias. Neemias chorou pelo povo que estava em grande desprezo e miséria.

e. Ele chorou porque os muros estavam derrubados.

f. Neemias chorou por Jerusalém e Jesus também chorou por Jerusalém.

g. Pelo que você chora?

h. Os muros tinham sido derrubados em 586 a.C. por Nabucodonosor e somente em 444 a.C. foram reconstruídos, em 52 dias. Neemias 6:15,16. Mais de 140 anos de ruína.

“A oposição e desencorajamento que os reconstrutores, nos dias de Neemias, tiveram de enfrentar da parte de inimigos declarados e falsos amigos, é típica da experiência dos que trabalham hoje para Deus. Cristãos são provados, não somente pela ira, desprezo e crueldade de inimigos, mas pela indolência, inconstância, frouxidão e perfídia de pretensos amigos e auxiliares. Zombaria e escárnio são-lhe endereçados” (*Profetas e Reis*, p. 644).

IV. Porque os muros caíram? a. Primeiro caiu o muro espiritual e depois caiu o muro real. Primeiro caiu o culto familiar para depois virar a apostasia dos filhos.

Primeiro caiu o estudo da Bíblia para depois vir a pornografia.

Primeiro caiu a oração para depois a retenção dos dízimos.

b. Desobediência. A muralha de proteção foi sendo derrubada porque a desobediência aos mandamentos levou Israel a deixar Deus de lado.

Alguns minutos do sábado.

Um pouco de falso testemunho.

Um pouco de imoralidade.

Um pouco de falta de senso de adoração.

“O profeta descreve aqui um povo que, em tempo de geral abandono da verdade e da justiça, está procurando restaurar os princípios que são o fundamento do reino de Deus. São os reparadores das brechas que têm sido feitas na lei de Deus - o muro posto em torno dos Seus escolhidos para a sua proteção, preceitos de justiça, verdade e pureza, cuja obediência é para sua perpétua salvaguarda” (*Profetas e Reis*, p. 677)

c. Tinham inimigos que queriam que os muros continuassem caídos.

Sambalate, Tobias e Gesém, são todos aqueles que não querem ver a mudança e a transformação. Isto lhes desagradava. Este tipo de pessoa não tem parte alguma com a causa de Deus. Ele não tem amor e comprometimento, não chora, não ora, não jejua pelo povo, ele quer que a situação continue arruinada. Pessoas que queriam ver os muros no chão. “Desagradou que alguém buscasse o bem de Israel” (Neemias 2:10).

Afastar as pessoas que não querem a transformação. “Eles estão no nosso meio, mas não são dos nossos”.

Para um Neemias havia três opositores, Sambalate, Tobias e Gesém.

Eles querem que as coisas continuem como estão sem mudança.

Um namorado pode ser um Sambalate, não quer mudança no namoro.

Uma esposa pode ser Sambalate, não quer culto familiar.

Um amigo pode ser um Sambalate, não quer parar com piadas imorais.

Um ancião pode ser um Sambalate, não quer mudanças na igreja.

Como diz a palavra de Deus: “Vocês não têm parte nem direto e nem memorial em Jerusalém” (Neemias 2:20). Ou muda ou vai embora.

d. Neemias estava em Jerusalém para reconstruir os muros, mas Sambalate estava lá para vê-los caídos.

e. Mistura de pagão com cristão. Um traje com metade decente e a outra metade indecente. Namoro metade cristão e metade pagão. Outros exemplos.

“Satanás tira vantagem para a realização dos seus propósitos de todo elemento não consagrado. Entre os que professam ser sustentadores da causa de Deus, há os que se unem com os Seus inimigos, e assim Sua causa fica exposta abertamente aos ataques dos Seus mais ferrenhos inimigos. Mesmo alguns que desejam que a obra de Deus prospere enfraquecerão as mãos

dos Seus servos ouvindo, repetindo e crendo em parte na difamação e ameaças dos Seus adversários. Satanás opera com maravilhoso sucesso por meio de seus instrumentos; e todos os que se rendem a sua influência estão sujeitos a um fascinante poder que destrói a sabedoria do sábio e o entendimento do prudente. Mas, como Neemias, o povo de Deus não deve temer nem tão pouco desprezar seus inimigos. Colocando sua confiança em Deus, devem prosseguir firmemente, fazendo Sua obra com altruísmo, e encomendando a Sua providência a causa que sustentam” (*Profetas e Reis*, p. 645).

V. O cargo nem sempre coincidiu com o poder. a. Nos dias do dilúvio os homens de renome tinham o cargo, mas Noé tinha o poder.

b. Nos dias do Egito, Faraó tinha o cargo, mas José tinha o poder, mesmo no cárcere.

c. Nos dias da seca, Acabe tinha o cargo, mas Elias o poder.

d. Nos dias do exílio, Nabucodonosor tinha o cargo, mas Daniel tinha o poder.

e. Antes do ministério de Jesus, Herodes tinha o cargo, mas João Batista tinha o poder.

f. Nos dias de Jesus, Anás e Caifás tinham o cargo, mas Jesus tinha o poder.

g. Poucos personagens tiveram o cargo e poder e um destes foi Davi, mas antes de ter o cargo ele teve poder e Saul, o cargo. Interessante que Saul com o cargo não conseguiu enfrentar Golias, mas Davi sem o cargo e com poder enfrentou e venceu Golias. Depois Davi acumulou o poder e o cargo, mas um dia ele deixou os mandamentos de Deus e quando isto aconteceu mesmo que por um tempo ele perdeu o poder que passou para

mão de Natã. Isto é um aviso aos que buscam cargos e se esquecem do poder. O poder de Deus só vem para os que têm comunhão com o Senhor e através desta comunhão conseguem ver as brechas nos muros de Jerusalém. Depois de ser copeiro, Neemias se tornou governador de Jerusalém e ele conseguia ver as necessidades do povo de Deus.

Textos de Ellen G. White.

“A restauração espiritual de que a obra levada a efeito nos dias de Neemias era um símbolo, é esboçada nas palavras de Isaías: ‘Edificarão os lugares antigamente assolados e restaurarão os de antes destruídos, e renovarão as cidades assoladas’. Isaías 61:4. ‘E os que de ti procederem edificarão os lugares antigamente assolados; e levantarás os fundamentos de geração em geração; e 62 chamar-te-ão reparador das roturas, e restaurador de veredas para mora’. Isaías 58:12” (*Profetas e Reis*, p. 348).

“Os dez santos preceitos proferidos por Cristo no monte Sinai, foram a revelação do caráter de Deus, e deram a conhecer ao mundo que Ele exerce jurisdição sobre toda a herança humana. Essa lei dos dez preceitos do máximo amor que se pode apresentar ao homem, é a voz de Deus falando do Céu às pessoas, em promessa: ‘Fazei isto, e não ficareis sob o domínio e controle de Satanás.’ Não há uma negativa nessa lei, embora assim pareça. É faze e vive... O Senhor deu Seus santos mandamentos para serem um muro de proteção em torno dos seres de Sua criação” (*Filhos e filhas de Deus*, MM, 1956, p. 53).

“Tem sido esforço contínuo do inimigo introduzir na igreja pessoas que concordam com muito da verdade, mas que não

estão convertidas. Professos cristãos que são falsos a seu legado são veículos pelos quais Satanás opera. Ele pode empregar membros não convertidos da igreja para promover suas próprias ideias e retardar a obra de Deus. Sua influência se acha sempre do lado errado. Põem no caminho da reforma a crítica e a dúvida como pedras de tropeço. Introduzem incredulidade porque cerraram os olhos à justiça de Cristo e não têm a glória do Senhor como sua retaguarda” (*Mensagem Escolhidas*, p. 159).

“Mas a restauração das defesas de Jerusalém não prosseguia sem embaraços. Satanás estava trabalhando para suscitar oposição e levar o desencorajamento. Sambalá, Tobias e Gesém, seus principais instrumentos neste movimento, empenharam-se agora em embaraçar a obra de reconstrução. Eles procuravam provocar divisão entre os obreiros. Ridicularizavam os esforços dos construtores, declarando ser o empreendimento uma impossibilidade, e predizendo o seu fracasso”. (*Profetas e Reis*, p. 641).

Apelo e Oração

Hino Final

Oração

TOPO